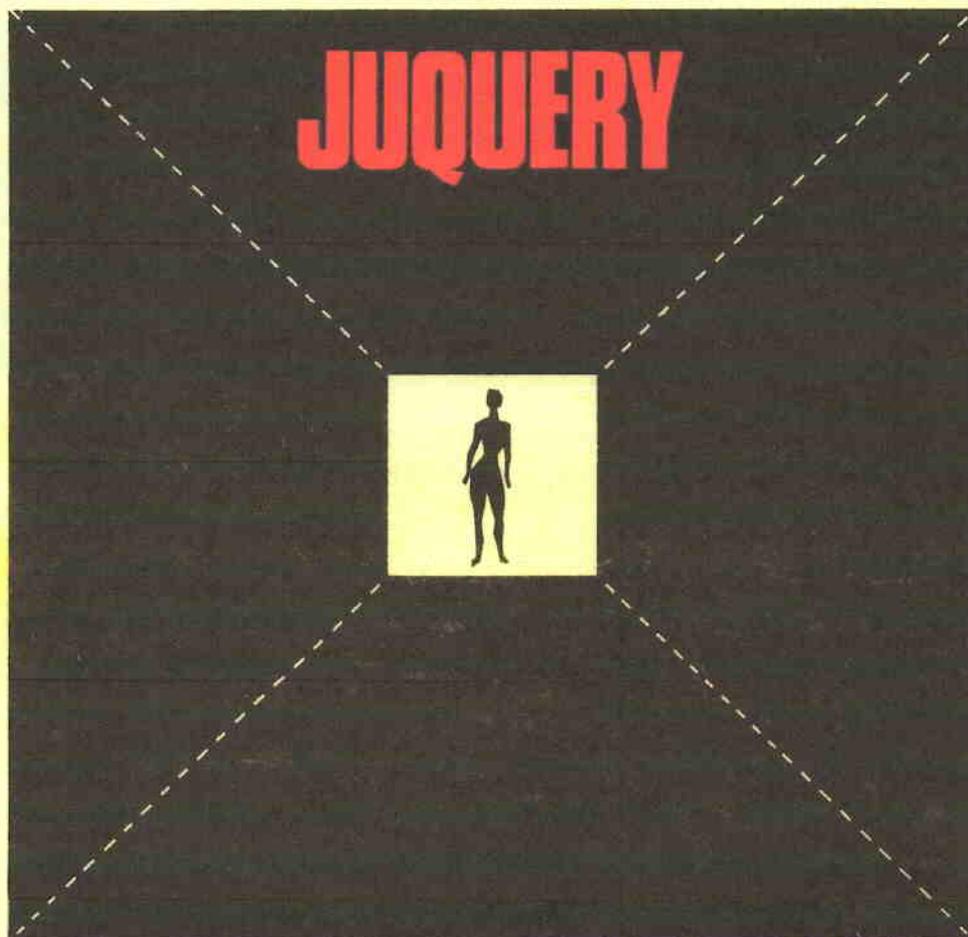


MULHERIO

Ano VII
n.º 29
Mai/Jun 1987
São Paulo
Brasil
Cz\$ 30,00



OS SUBTERRÂNEOS DA LOUCURA FEMININA

- **Funcionárias públicas: o difícil caminho da igualdade**
 - **Na Constituinte, mais poder para as mulheres**
- **Entrevista exclusiva com a escritora Doris Lessing**

PONTOS DE VENDA

MINAS GERAIS

Espaço Cultural Livros e Artes: Rua São João, 357, fone (032) 211-2029, Juiz de Fora.

MATO GROSSO DO SUL

Regina Arakaki: Rua Rui Barbosa, 2.324, fone (067) 382-0642, Campo Grande.

PARÁ

Jane Beltrão: fone (091) 229-6336, Belém.

PARANÁ

Distribuidor: J. Ghignone Cia. Ltda. Av. Iguacu, 624, fone (041) 233-3622, Curitiba.

PERNAMBUCO

Wilma Lessa: fone (081) 224-0585

RIO DE JANEIRO

Dazibao Livraria: Rua Visconde de Pirajá, 571-B, Travessa do Ouvidor, 11 - Rio de Janeiro.

Livraria Timbre: Shopping Center da Gávea, Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL

Distribuidor: Marco Amaral, Pça Rui Barbosa, 39, sala 6, fone (0512) 26-9747, Porto Alegre.

Banca Vera Cruz: Praça da Alfândega.

LIVRARIAS

Graphis Livraria Café: Rua Tomás Flores, 340

Livraria CAEPE/ufrgs: Av. Paulo Gama, s/n.º.

Livraria Autores Nossos: Av. Érico Veríssimo, Centro Municipal de Cultura

Livraria Adeli Sell: Rua Gal. Vitorino, 140, sala 27

Livraria Arzano 17: Av. Protázio Alves, 1.138

Livraria Mercado Aberto: Rua Riachuelo, 1.291

Livraria Mercado Aberto: Rua da Conceição, 206

Livraria Palmirina: Rua Gal. Vitorino, 140, 1.º andar

Livraria Prosa e Verso: Rua Mostardeiro, 120, loja 4

Livraria Terceiro Mundo: Rua Gal. Vitorino, 129, sala 21

SÃO PAULO

Maria Alice Paes: fone (0192) 43-3267, Campinas.

LIVRARIAS

Belas Artes: Al. Lorena, 1.326.

Belas Artes: Av. Paulista, 2.448

Brasiliense: Rua Oscar Freire, 561

Livraria Brasiliense: Rua Augusta, 2.345

Canto da Prosa: Rua Simão Álvares, 445.

Capitu: Rua Pinheiros, 339.

Da Vila: Rua Fradique Coutinho, 1.140

Livraria Favale: Av. Santo Amaro, 184

Liters: Rua Ignácio Pereira da Rocha, 264

Liters: Bar Avenida, Av. Pedrosa de Moraes, 1.033

REVENDO AS ELEIÇÕES

Concordo plenamente com a afirmação de Zulaia Cobra Ribeiro (*Mulherio* n.º 27) sobre as razões que levaram a deputada Bete Mendes (PMDB-SP) a ganhar as eleições para a Constituinte, e explico melhor minhas declarações publicadas na mesma edição. A Globo "ajudou" a eleição de Bete Mendes, na medida em que divulgou sua imagem. Acredito também que tanto Tutu Quadros (PTB-SP), quanto Irma Passoni (PT-SP), diferentes em suas posições políticas, tiveram uma campanha muito bem estruturada e organizada que as levou à vitória. Na campanha eleitoral, dispus de apenas sete segundos em apenas dois dias para falar. O problema da distribuição do tempo para os partidos, decidido pela "Aliança" (PMDB e PFL) resultou em um desastre eleitoral. A Constituinte, da forma que foi decidida pela mesma aliança, acarretou também outro desastre eleitoral que vitimou as chamadas "minorias". Queiro ainda expressar meu pesar por uma pessoa do valor de Zulaia Cobra Ribeiro ter sido derrotada. As mulheres perderam. Não é hora de refletir sobre isto mais profundamente?

Irede Cardoso
São Paulo, SP

Concordo plenamente com a afirmação de Zulaia Cobra Ribeiro (*Mulherio* n.º 27) sobre as razões que levaram a deputada Bete Mendes (PMDB-SP) a ganhar as eleições para a Constituinte, e explico melhor minhas declarações publicadas na mesma edição. A Globo "ajudou" a eleição de Bete Mendes, na medida em que divulgou sua imagem. Acredito também que tanto Tutu Quadros (PTB-SP), quanto Irma Passoni (PT-SP), diferentes em suas posições políticas, tiveram uma campanha muito bem estruturada e organizada que as levou à vitória. Na campanha eleitoral, dispus de apenas sete segundos em apenas dois dias para falar. O problema da distribuição do tempo para os partidos, decidido pela "Aliança" (PMDB e PFL) resultou em um desastre eleitoral. A Constituinte, da forma que foi decidida pela mesma aliança, acarretou também outro desastre eleitoral que vitimou as chamadas "minorias". Queiro ainda expressar meu pesar por uma pessoa do valor de Zulaia Cobra Ribeiro ter sido derrotada. As mulheres perderam. Não é hora de refletir sobre isto mais profundamente?

Irede Cardoso
São Paulo, SP



A POLÊMICA CONTINUA

Minha carta de Paris, datada de 9 de setembro do ano passado, não se destinava à publicação, mas sim atender à coluna "Reprodução Total ou Parcial Desde que Citada a Fonte". Assim, se encontrei o artigo "Bigode e Bigode dá Bode?", assinado por Maria das Dores Padilha em *Mulherio* n.º 23, traduzido palavra por palavra da revista "Sociétés - Re-



Eva H. em exposição no Instituto Goethe

vue des Sciences Humaines" (n.º 7), meses depois, assinado por Peter Fry, pareceu-me que algo estava errado no reino da Dinamarca. No n.º 27, o *Mulherio* devolve a questão sem assumi-la, devendo eu, portanto, concluir que a dita observação se refere tão-somente às autorias, e que os textos de *Mulherio* podem ser duplicados da primeira à última linha - desde que haja prévia publicidade nas costas das (os) leitoras (es). Vejo também que no *Mulherio* não existe restrição quanto ao uso de pseudônimos de qualquer tipo. Por outro lado, começo a compreender a opção de Peter Fry: afinal, porque iria quebrar a cabeça com dois artigos originais, gastar seu renome de intelectual originário de país industrializado, livre de publicar em várias línguas, com um "jornalzinho feminista" de País subdesenvolvido? Seu "verdadeiro" nome ele reserva para a revista francesa que lhe traz prestígio entre seus "verdadeiros pares", a comunidade acadêmica internacional. Caso ainda reste dúvida sobre essa indevida cópia, saiba Peter Fry que no *Mulherio*, editoras, conselheiras e leitoras (mas nem todas) aplaudiram gratas e felizes suas explicações em forma de pseudo-farsas pseudo-antropológicas.

Danda Prado
Rio de Janeiro, RJ

MULHERIO mantém posição neutra na polê-

mica, reservando o direito de resposta das partes, enfatizando que respeita direitos autorais e que não faz restrições ao uso de pseudônimos, prática comum na imprensa brasileira.

SOS PARA ARQUIVOS

Estou iniciando meu projeto de pesquisa para dissertação de mestrado. Para tanto, necessito informações sobre publicações (jornais, revistas, livros, pesquisas etc) sobre mulheres menores, consideradas deficiente e/ou internas em instituições do tipo Febem.

Miriam Ida
Rodrigues Breitman
Rua Cónego Viana, 189
90410 - Porto Alegre, RS

MAIS MULHERIO

Tomamos conhecimento através do MinC que nossa instituição receberá seis edições do jornal *Mulherio* (n.ºs 25 a 30). Tendo em vista que esse veículo possui grande público em nossa biblioteca, gostaríamos de completar a coleção com os números anteriores (de 0 a 24) para, dessa forma, melhorar o atendimento aos nossos usuários.

Neide de Oliveira Motta
Biblioteca Prof. Florianoópolis, SC

MULHERIO está enviando os números solicitados.

PARA FORA



MATERIAL PARA TESE

Faço mestrado na Universidade de São Paulo (USP), na área de Literatura Brasileira, especialidade em teatro. Minha tese, em fase de pesquisa e levantamento de dados, é sobre autoras (mulheres escritoras) de peças teatrais. Desejo receber qualquer informação e material sobre o tema.

Maria Cristina de Souza
Rua Tibagi, 769, apto. 503
80000 - Curitiba, PR

GRUPOS FEMINISTAS

Sou estudante na Universidade de Wisconsin, Madison, Estados Unidos, e tive recentemente meu primeiro contato com um jornal brasileiro que trata do Feminismo no Brasil, o *Mulherio*. Vou terminar a faculdade em agosto, há três anos estou estudando

MULHERIO

Conselho Editorial: Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Feldman-Bianco (Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Sedar (USP); Fúlvia Rosemberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloisa Buarque de Hollanda (UFRRJ; Stanford University, USA); Mariângela Rosa Rocha (Conselho Municipal da Mulher, Salvador, BA); Mariyze Meyer (Unicamp, SP); Maria Goes (jornalista, SP); Mouzar Benedito (jornalista, SP).

Editora-responsável: Iná Castilho (MTB 17.504); **Editora:** Santamaris Silveira (MTB 13.517); **Repórter/Redatora:** Paula Magalhães; **Secretária de Redação:** Pêrola Paes; **Arte:** Jaime Prades e Walkyria Suleiman.

Publicidade: Maria Lúcia de Barros Mott. **Assinaturas:**

ERRAMOS

O artigo "Em Bukina Faso, poder contraditório", publicado no n.º 28, saiu sem a assinatura da autora, a jornalista Maria Fatima da Silva.

no Women's Studies Courses e pretendo fazer mestrado sobre educação para mulheres. Por isso, necessito saber o endereço de alguns grupos feministas do Brasil para contato.

Joelle Rovire
Madison, EUA

MULHERIO INFORMA:

Associação das Mulheres de Mato Grosso
Rua Baltazar Navarros, 231
78060 - Cuiabá, MT
Centro da Mulher Brasileira

Avenida Franklin Roosevelt, 39, sala 713
20021 - Rio de Janeiro, RJ

Centro de Defesa dos Direitos da Mulher
Rua Goltcazacas, 14, sala 601
30190 - Belo Horizonte, MG

Grupo de Mulheres de Vitória
Avenida Marechal Campos, 420/3
29040 - Vitória, ES
Grupo Feminista Gêmeira
Rua Rafael Saad, 206/403
90060 - Porto Alegre, RS

Movimento de Mulheres do Brejo Paraibano
Rua José Cruz, 301
58213 - Píripituba, PB
SOS - Corpo do Recife
Rua do Hospício, 859, conj. 14
50050 - Recife - PE
União de Mulheres de São Paulo
Rua Santo Antônio, 1.395
01314 - São Paulo, SP

Helena Maria Moreira; Contas a Pagar: Luiz Angelo Gonçalves; **Secretaria Geral:** Tânia Cristina V. de Paulo

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte.

Publicado com o apoio da Fundação Ford do Brasil, RJ. *Mulherio* é uma publicação do Núcleo de Comunicações *Mulherio*, associação civil sem fins lucrativos. Redação e administração à Rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, 05421, São Paulo, SP, Brasil. fone (011) 212-9052.

Composição e Impressão: DCI - Indústria Gráfica S.A., Rua Dr. Almeida Lima, 1.364, Mooca, 03046, São Paulo, SP, fone (011) 948-5088.

Tiragem desta edição: 12 mil exemplares

Reflexões Sobre o Cotidiano
Marta Suplicy
Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987

O Cotidiano sem Dogmas

e com Sabor

MARIA CARNEIRO DA CUNHA
jornalista

O novo livro de Marta Suplicy intitula-se *Reflexões Sobre o Cotidiano*, o que pode se atribuir ao fato de ser uma compilação de escritos publicados na imprensa diária. Mas sua leitura revela que a referência ao cotidiano, mais que um acaso, é uma escolha que contém implicação uma abordagem conceitual.

Os motivos dessa escolha são explicitados em vários trechos, como aquele em que a autora narra a reação de um homem da platéia num dos muitos debates de que participou. Ele acusa-a as mulheres presentes de só falarem sobre seus "casinhos" e afirmava que queria discutir o "geral". A resposta, dada naquele momento por Rose Marie Muraro, não se fez esperar: "parece ser uma característica dos homens ficarem falando no abstrato e de teorias e isso é feito, consciente ou inconscientemente, para evitar mudanças. Você só muda quando vê as articulações concretas da realidade. Essa lógica concreta é desprezada porque mostra como toda teoria abstrata serve à classe dominante e ao sexo e raça dominantes. A lógica concreta do oprimido estoura as teorias."

Tudo indica que, no momento atual, essa lógica está sendo estourada por diversas vias: não só porque se tornam mais claras as implicações ideológicas por trás de certos discursos generalizadores articulados que herdamos do século XIX, mas também porque e se se mostraram incapazes de retraduzir no concreto as esperan-

ças que suscitaram de eliminar as opressões. Em seu centro, sempre a mesma omissão: a escamoteação da questão do poder. Como ela está no foco das atuais discussões teóricas, começaram a proliferar nas ciências sociais as produções sobre o cotidiano, no qual o poder pode ser detectado de forma mais direta.

Mas há duas maneiras bem diferentes de olhar: uma meramente descritiva ou explicativa, que reforça o status quo, e outra profundamente crítica; uma que procura ver nesse cotidiano apenas a confirmação de esquemas teóricos anteriores e outra que elabora sua análise a partir da própria concretude dos fatos observados. Daí o conflito de posições. O que para alguns são "casinhos", para outros, são elementos reveladores. E é desta última forma que Marta os trata, como boa observadora crítica e sem pretensões a um "saber" generalizante.

Porém, não foi fácil para as mulheres que escrevem chegar a essa simplicidade e até reivindicá-la. Todo o entorno intelectual conspirava contra, na medida em que o dualismo básico desta civilização já estabelecera uma hierarquia entre o que considerava transcendente e imanente. O que se refere ao corpo, à natureza, à "feminilidade", ao cotidiano, era da ordem da imanência, único território em que as mulheres podiam transitar. O espírito, as ideias (abstratas), as teorias, a ciência, a arte e o sagrado, masculinos por concepção, constituíam o terreno do transcendente. Só poucos pensadores heterodoxos contestaram essa hierarquia, como Fourier, que, ao colocar o prazer no centro de sua utopia, o definiu como da esfera do doméstico (sendo o político o reino da necessidade).

Não é de admirar, portanto, que muitas mulheres, apesar da consciência de sua opressão nesse sistema, tenham sido tentadas a explicá-la usando os conceitos já existentes e que se mostraram insatisfeitas para a abordagem da questão da mulher. Mas elas continuaram perturbando e, porque estamos numa época de crise que marca o fim das certezas eternas, sua voz teve mais condições de ser ouvida. Essa voz é portadora não de novas certezas, mas de outras incertezas, que trazem consigo a riqueza múltipla do concreto e a curiosidade vital.

Essa riqueza e essa curiosidade - que os saudosistas da visão unitária chamariam de fragmentária - que passam pelas crônicas do cotidiano de Marta Suplicy, que tanto podem falar da campanha das "diretas-já", como de um filme ou de um livro que viu qu-

leu ou de pessoas que encontrou e que provocaram a sua reflexão.

Em busca dos porquês, escapa dos dogmatismos e, com uma formação na área de psicologia (e psicanálise), não se limita a um psicologismo meramente individualizante, porque tem nítida consciência da importância dos fatores político-sociais e ideológicos na formação dos comportamentos individuais.

Em estilo coloquial, é um livro gostoso de ler, mas que, ao colocar suas

visões na intersecção de campos diversos de apreensão do real, também faz pensar. Se fosse escrito por certos homens (e mulheres com o mesmo espírito) provavelmente se chamaria "teoria do cotidiano" e assumiria a forma de uma tese acadêmica, que poucos leriam e só faria pensar o próprio autor, dotado de olhar telescópico. Sem telescópios e sem espelhos, mas com olhos para ver e um agudo senso de justiça, Marta consegue ser eficaz.

A TESE do Homem-Pai

MARIA LÚCIA ARROYO LIMA
Psicanalista

Este livro dá para começar a ler a partir da capa: a ilustração de uma poltrona vazia traz associações automáticas, símbolos ancestrais desse masculino ausente. Penso num par de chinelos, um cachimbo e sobre a mesa, um jornal aberto na página de esportes, uma preguiça musculosa. Mas logo atualizo a imagem, penso também em pais que trocam fraldas, levam os filhos para passear, dão mamadeiras, brigam na justiça pela guarda deles. Sim, claro que houve uma bela mudança.

Geneviève acredita que essas mudanças são o reflexo de uma nova realidade sociológica (o trabalho feminino, as modificações dos estereótipos masculinos e femininos). Nas palavras dela: "O pai de amanhã será simplesmente um homem a quem serão devolvidos, face ao bebê e à criança, as reações complexas e ambivalentes até aqui reservadas apenas à mãe". Um homem-pai, portanto, não um pai-mãe.

Psicanalista e etnóloga, a autora usa as duas ciências para - digamos assim - deitar e rolar sobre a questão. Para deitar, usa a metodologia psicanalítica no estudo detalhado de onze casos, histórias e relatos de homens que falam de sua experiência como pais, seguindo-se a análise correspondente. Para rolar o assunto pelo planeta, ela apresenta dados etnológicos que mostram exemplarmente as utilizações da divisão sexual nas diferentes culturas - sempre, em qualquer parte do mundo, uma divisão artificial e simbólica.

A tese apaixonadamente defendida neste livro é a de que não existe na realidade nenhuma desigualdade entre homens e mulheres na procriação. "A diferença e as supostas vantagens da mulher em relação ao homem são construídas, resultam de fatores ideológicos e culturais", sustenta a autora.

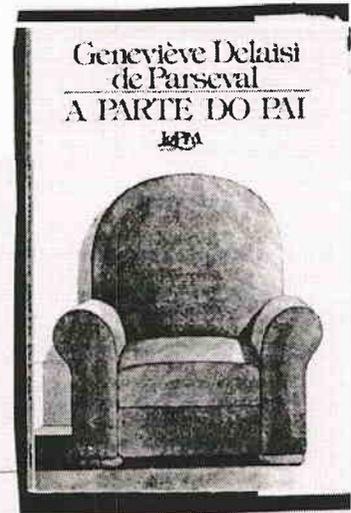
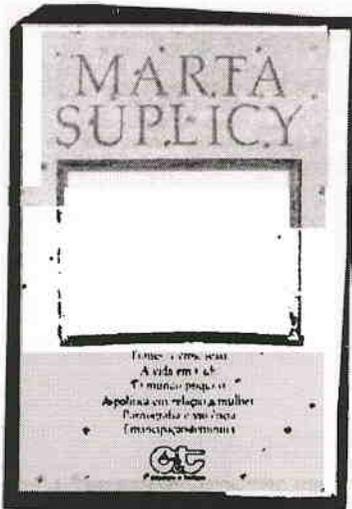
Se lembramos do ditado popular: "Os filhos das minhas filhas meus netos são, os filhos dos meus filhos não sei se o serão" -, temos uma dimensão da dificuldade para se aceitar essa afirmação. A "dúvida paterna" vem sen-

do em nossa sociedade o pilar ideológico da divisão dos papéis homem-mulher no que se refere à procriação. Segundo Geneviève, essa dúvida - real - seria encobridora de outra, mais antiga, carregada sem palavras desde a in-

meu pai é meu verdadeiro pai".

Esse estereótipo ocidental da dúvida sobre a paternidade - do qual Freud, por razões ligadas à sua história pessoal, nunca se libertou - seria algo como se todos os adultos pertencentes a uma mesma cultura tivessem reunido seus fantasmas de criança. Funcionaria como uma espécie de defesa padronizada para bloquear o Édipo. Com a clareza das culturas mais rudimentares, um bom exemplo trazido pela autora é o dos tobríandeses, que negavam a paternidade biológica do genitor e a deslocavam para a pessoa do tio materno - "artimãna inconsciente que tem a vantagem de preservar a paz das famílias e favorecer relações serenas e amigáveis entre o genitor e sua prole". Em suma, boas teses se somam a um texto bem elaborado.

3
MULHERIO
MAI/JUN 87



A personagem Virginia



Momentos de Vida
(Um Mergulho no Passado e na Emoção)
Virginia Woolf
Tradução de Paula Maria Rosas
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986

LEITURA

MALU HEILBORN

O mercado de livros no Brasil dos últimos tempos está indefectivelmente assolado pela febre das biografias. A paixão e a curiosidade pela vida alheia reinstalam-se com toda a força. Para quem professa tal vício o livro *Momentos de Vida* de Virginia Woolf é imperdível. De certo a assinatura já garante o interesse dos aficionados da autora de *Orlando* e *As Ondas*, com a licença de uma preferência pessoal. Por sua vez, a editora Nova Fronteira tem sido generosa para com os amantes de Virginia. Ela prossegue com a tradução (de nível bom a excelente) do conjunto de sua obra, incluindo agora esse livro, que, na verdade, jamais teve cogitada, pela autora, a sua publicação.

Momentos de Vida reúne cinco textos de cunho autobiográfico, precedidos por notas detalhadas da organizadora Jeanne Schulkind, uma verdadeira exegeta. "Reminiscências" e "Um Esboço do Passado", embora escritos em momentos distintos da carreira de Woolf, testemunham a dedicação com que essa mulher se entregou ao ofício de escrever. São exercícios literários. E, se carecem do esmero da forma que tão bem caracteriza a sua ficção, contam com o charme da revelação do aprendizado e da intimidade da escritora com as letras. Mais indiscreto só mesmo os diários, ainda indisponíveis na língua pátria. Os demais textos são peças de encomenda. Feitos para a leitura no Clube de Memórias, nome alternativo como se autodesignava o Bloomsbury Circle, grupo de intelectuais a que Virginia pertencia. Híbrido em sua composição, o livro certamente não tem o fascínio de um dos seus romances, mas a aventura da ficção não está ausente: agora é a vez da personagem Virginia Woolf.

Quanto mistério há nessa figura de mulher magra, triste, com evidentes sinais de anorexia nervosa, que, genial e consagrada, acaba por suicidar-se.

Os biógrafos (bons e maus) não se cansam de vasculhar sua vida à procura de fatos "reveladores". Duas circunstâncias em particular os atormentam: a doença mental, na falta de termo menos cruel) e a (homo)sexualidade. Caçam com igual energia as identificações entre ficção e vida real. Pois os especialistas são unânimes: sua obra é uma exploração exaustiva da personalidade de membros de sua família, de amigos, de pessoas com quem travou conhecimento. A mãe, Julia Stephen, é fonte de inspiração para muitas personagens femininas (p.ex. Mrs Ramsay em *Passeio ao Farol*); Vita Sackville-West, uma amiga, é celebrada em *Orlando*, livro dádico que metaforicamente lhe restitui a propriedade familiar que não pôde herdar por ser mulher.

Mas se sua produção retira matéria-prima do cotidiano, ela é muito mais do que coletânea de fatos pessoais; é manancial inesgotável de apreciações sobre os valores e experiências de classe de certos grupos da sociedade inglesa a dado momento. Essa é uma trilha preciosa a se percorrer na leitura de *Momentos de Vida*. Nele, caem as cortinas que, em nome do bom-tom, toldam as formas não convencionais de sociabilidade, de vida familiar e de amor.

Pela pena de Virginia compartilha-se o encanto da convivência descontraída e da camaradagem intelectual com os colegas de universidade de Thoby Stephen, o irmão. Prazer que se sabe empalecido pelo fato de ela e a irmã Vanessa não serem objeto de atração para os nada elegantes rapazes. Sexo e sedução passam ao largo dos primórdios do grupo de Bloomsbury. Com distinção e delicadeza ferina Virginia narra os percalços do despertar da sexualidade, seja através da investida sexual do seu meio-irmão, seja na desilusão de não ser desejável, seja na descoberta da homossexualidade masculina.

Há algo que o livro não registra e que pode ser lido em *Retrato de um Casamento* de Nigel Nicholson (também pela Nova Fronteira): a relação amorosa com Vita. Momento de vida de esufante criação literária e de osadia contra as convenções. Nele liberta-se um pouco dos fantasmas da depressão e da tuiela carinhosa do marido e da irmã. Empreende viagens com Vita, escreve artigos sobre homossexualidade, manifesta-se publicamente, para desconsolo dos amigos, contra a censura de *The Well of Loneliness* de Radclyffe Hall, uma pérola da literatura sáfica. Virginia rebela-se.

Para além de homo-romances, os episódios falam de como a sexualidade pode servir de canal expressivo para a veiculação de valores vanguardistas. O grupo de Bloomsbury é um dos palcos em que esse enredo tem lugar. A elite inglesa, a partir da segunda metade do séc. XIX, professa um culto à homossexualidade masculina. Isso é particularmente claro entre os membros de Cambridge. A "homossexualidade" do meio universitário incentiva e legítima o amor entre os iguais (de espírito) em conformidade com as regras do gosto letrado da época fascinado pelo modelo grego. Um romance

de M. Foster, *Maurice*, a quem Virginia alude no livro, retrata essa amizade idealizada, onde o objeto de desejo não é o corpo, mas a alma.

De certo modo, coube a Virginia Woolf traduzir para o feminino essa possibilidade.

Malu Heilborn é antropóloga, atualmente no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

Feminismo: possibilidades múltiplas



ANESIA PACHECO E CHAVES

E Agora, Mulher?
Anésia Pacheco e Chaves

Rio de Janeiro, Guanabara, 1986

SÔNIA MALHEIROS MIGUEL

Uma colcha de retalhos. Esta talvez seja uma boa imagem para o livro de Anésia Pacheco e Chaves *E Agora, Mulher?* São "ensaios" (ou "agulhadas" como propõe a autora), alguns inéditos, a maioria publicados na *Folha de S. Paulo*, na Ilustrada ou na Página 3, entre os anos de 1978 e 1985.

São "agulhadas" rápidas, outras um pouco mais profundas, que vão construindo (ou seria melhor dizer costurando?) um quadro da situação da mulher em nossa sociedade (capitalista, patriarcal, autoritária) e do movimento feminista no Brasil. E aí está uma das contribuições do livro. Falta hoje, no Brasil, uma reflexão mais sistematizada sobre o movimento feminista e seus impasses atuais. Temos uma razoável produção sobre mulher e trabalho, mulher e participação política etc., mas pouco se escreve (e discute) sobre o movimento feminista e os rumos que este movimento está tomando.

O livro de Anésia Pacheco e Chaves

trabalha pontos básicos da tão falada problemática feminina. Em alguns textos situa historicamente o surgimento desta opressão. Em outros, discute a necessidade da construção de uma linguagem própria, renegando o discurso dominante e dominador de nossa sociedade, machista e patriarcal.

Em todos os textos a autora tem como fio condutor um questionamento radical das estruturas de poder existentes em nossa sociedade. Este poder é identificado e questionado na literatura e artes em geral, nas relações entre os sexos, nas relações de trabalho, entre outras. Crítica-se a construção de uma imagem da mulher do ponto de vista masculino falocrático, bem como a introjeção por parte das mulheres deste padrão de comportamento.

A autora aponta a importância do feminismo e do movimento feminista como questionador destes papéis, indicando a existência de uma pluralidade de visões dentro do movimento. Destaca como sua, uma visão que tenha como proposta uma transformação radical da sociedade em todos os níveis, acabando com a opressão tanto de sexo quanto de classe.

A busca de uma identidade feminina fixa é questionada, salientando o risco de se assumir um novo rótulo que seja amoldador das diferenças, existentes também entre as mulheres. É na procura de identificação dos impasses por que passa o movimento feminista hoje, que o livro de Anésia Pacheco e Chaves ganha força.

Os textos indicam caminhos a se pensar. São cortes e recortes que levam a uma determinada compreensão da crise do movimento, como: a sua excessiva institucionalização; a recuperação do feminismo pelo sistema; as dificuldades do movimento em resolver na prática algumas das questões que aponta; a postura reformista de algumas correntes que deixam de lado um questionamento da estrutura básica da sociedade; a quebra de utopia do movimento etc.

Mas na medida em que são "agulhadas" (e elas têm o efeito de nos sacudir e despertar) não aprofundam estes questionamentos. Fica sempre a sensação de um querer mais (o que é bom). Fica sempre a vontade de continuar o papo, quem sabe num bar.

Algumas vezes a autora exige uma atuação do feminismo muito eficiente, apontando fracassos (na resolução da questão da sexualidade feminina e do trabalho doméstico, por exemplo). Mas faça minha suas palavras quando afirma: "Todas as dificuldades (tanto conceituais quanto de ordem prática) enfrentadas por um movimento que questiona as próprias bases de nossa sociedade torna quase impossível conseguir resultados a curto prazo."

Ao fazer a minha colcha, talvez montasse alguns retalhos de maneira diversa, mas é justamente esta possibilidade múltipla de construções que tornam as colchas interessantes, diferentes e belas.

Sônia Malheiros Miguel, historiadora, mestrande em Sociologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Prepara a tese "Feminismo: Um Olhar para Dentro".

Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho

Virginia Valli
Rio de Janeiro, Philobiblion
Livros, 1986

SANTAMARIA SILVEIRA

O Brasil possui ainda o saldo de 125 casos de desaparecidos, vítimas da repressão militar, que criou os eficientes Departamentos de Operações Internas (DOIs), responsáveis por mortes, torturas, sequestros, incêndios em bancas de jornais e outros atentados. O livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho* fala sobre um destes desaparecidos, Stuart Edgar Angel Jones, filho de Zuleika Angel Jones e militante do MR-8.

A via-sacra de Zuzu Angel, então famosa estilista que vestia Joan Crawford e Margot Fonteyn, não conheceu limites. Incluiu casas de generais, onde era informada que seu filho não estava preso; as Auditorias Militares, onde Stuart era julgado mesmo depois de morto, e as Arquidioceses. A de D. Eugênio Sales que não a recebeu e a de D. Paulo Evaristo Arns, que a confortou, enviando posteriormente uma carta: "Nossa Senhora teve o consolo de apertar em seus braços o cadáver do Filho torturado, e ainda ensanguentado. E é ela que transmitirá à mãe de Stuart um consolo, se possível, nesta

Terra".

O País estava silenciado pela censura, mas Zuzu conseguiu fazer seu protesto no Exterior, usando as passarelas. Para escândalo das autoridades brasileiras, Zuzu realizou em Nova Iorque um desfile, onde substituiu os costumeiros passarinhos, borboletas e flores por motivos bélicos, como canhões, anjos amordaçados e aprisionados, tornando o anjo (Angel) um dos temas mais constantes de sua moda e o símbolo do filho torturado.

Como Stuart tinha pai norte-americano, Zuzu também tentou acionar as autoridades americanas para forçar os militares brasileiros a se pronunciarem. "Eu me sentia como aquele jovem mineiro, José Joaquim de Maia, que estudava em Coimbra e, na época da Conjuração Mineira, escreveu a Thomas Jefferson pedindo socorro". Até a Henry Kissinger, o todopoderoso secretário de Estado de Nixon, Zuzu recorreu na tentativa de obter notícias. Segundo depoimento de Alex Polari de Alverga, ex-presos político, Stuart morreu na madrugada de 14 para 15 de maio, depois de continuadas sessões de tortura e de ser arrasta-

do por um jipe no pátio do Galeão. Seu corpo deve ter sido lançado em alto mar, na Restinga da Marambaia, provável destino final dos torturados e mortos no Rio de Janeiro.

É ponto pacífico que a lei da Anistia eximiu de responsabilidades as duas partes, militantes e militares. Porém, reviver esse período é fundamental, pois os fatos sob a ótica da História não foram anistiados e não podem continuar escondidos, numa espécie de "ponto final" brasileiro, bastante antecipado. Só agora, Eunice Paiva, mulher do ex-deputado Rubens Paiva - morto sob tortura numa cela do DOI - se considera viúva, já que até então a versão oficial dizia que ele tinha fugido mediante seqüestro de um grupo armado.

Esse foi a angústia de Zuzu, considerada uma precursora da Locas de La Plaza de Mayo, encontrar Stuart Angel ou seu corpo. Sua loja no Leblon funcionou como um ponto de referência e resistência para intelectuais, jornalistas e pais de filhos desaparecidos. Tudo que Zuzu recebia: manifestos, cartas, denúncias, poemas; ela passava adiante, para ver se entendia "esse

pesadelo que é morar num país em que nada se informa, nada se sabe, nada pode ser transmitido". O livro de Virginia Valli conta a saga dos Angel e reúne importantes depoimentos da era Médici, que Zuzu chamava de "Carrascu", por ser responsável pela geração de três grandes centros de tortura no País: Rua Tutóia, o "Paraiso", por ficar no bairro do mesmo nome (São Paulo), Ilha das Flores e Base Aérea do Galeão (Rio de Janeiro).

Zuzu Angel, que se autodefinia como uma "mineira jeca que virou negociante para trabalhar, ganhar dinheiro e dar o melhor aos seus três filhos", morreu num acidente inexplicado de carro em 76, na saída do túnel Dois Irmãos. "Há fortíssimas razões para admitir que ela foi assassinada; mas há fortíssimas razões para que isso permaneça mistério", aponta Nelson Werneck Sadré, na introdução do livro. Mas Zuzu não temia nada, e mesmo na hora da morte, não deixou sem resposta os algozes de seu filho: "Quando eu morrer, não quero ir de mãos juntas, como todo defunto, quero ir embora dando banana para eles."

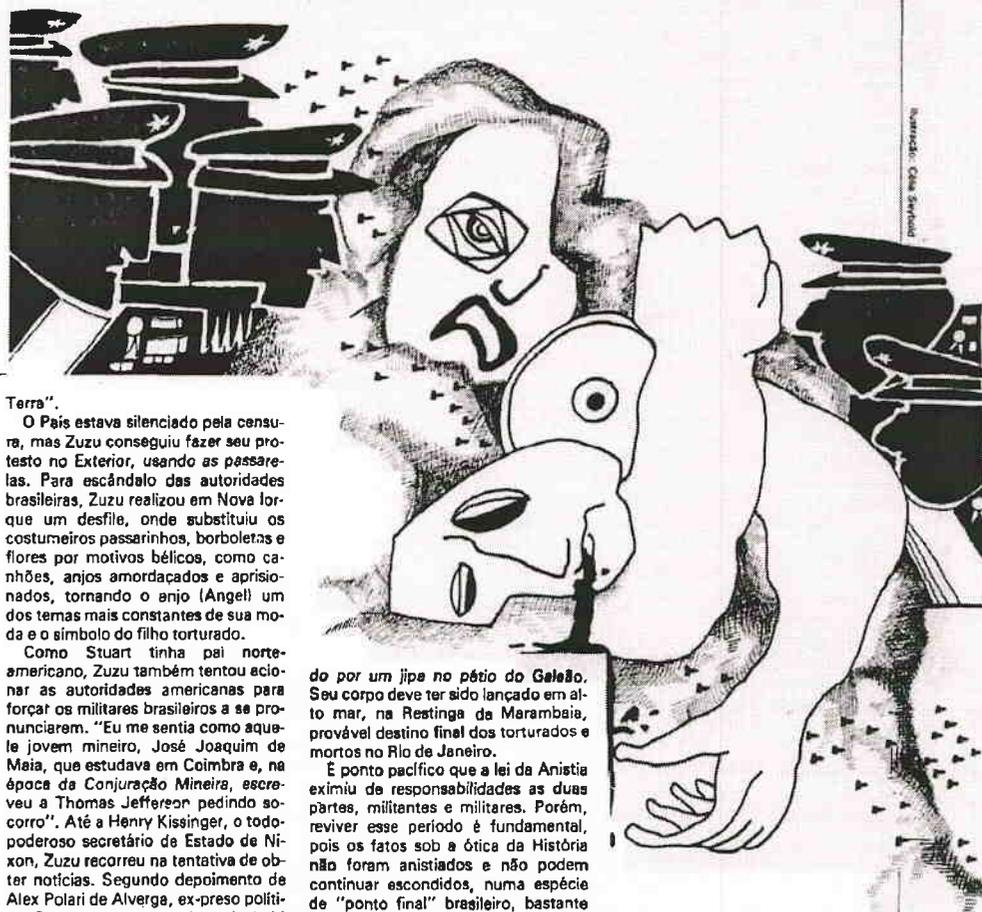


Ilustração: Ota Serravallo



Angélica
(música para Zuzu Angel)

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estríbilho?
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar

Quem é essa mulher,
Que canta sempre esse lamento?
Só queria lembrar o tormento
Que faz o meu filho suspirar

Quem é essa mulher
Que canta sempre o mesmo arranjo?
Só queria agasalhar meu anjo
Deixar seu corpo descansar

Quem é essa mulher
Que canta como dobra o sino?
Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar

Chico Buarque e Miltoninho



Turner e Cage numa volta ao passado

REAVALIAR AS LEMBRANÇAS

em plena festa do 25.º aniversário de sua formatura, no momento em que é aclamada pelos velhos colegas de colégio como a rainha da noite, dispara os mecanismos de imaginação de Peggy Sue e a lança para essa viagem de volta. Ela acorda numa enfermaria, com o mesmo vestido de cetim azul que vestia na festa de ex-alunos, mas logo percebe que não respira os ares de 1966, mas 1959. Suas melhores amigas ainda não se casaram e seu ex-marido não passa de um namoradinho apaixonado que sonha em ser cantor de rock e que nem imagina que um dia trairá sua querida Peggy Sue, trocando-a por uma mulher burra, mas mais jovem.

Peggy Sue revive a época em que os garotos usavam enormes topetes, os Beatles ainda não tinham sido descobertos, o Cadillac era o máximo da classe média e a virgindade era algo levado a sério. Coppola transporta sua personagem sem a preocupação de dar à atriz Kathleen Turner (*Corpos Ardentes* e *A Honra do Poderoso Prizzi*) a aparência de uma garota de 17 anos. Propositadamente, ele a mostra já fora de idade para usar suéteres apertados, saias-balão e os rabos-de-cavalo do final dos anos 50. Um contraste que torna ainda mais excitante e questionador esse reencontro com o passado. Sem maquiagem que a torne mais nova e sem as turbulências provocadas pelas ilusões da juventude, é o momento de Peggy, mais madura, dar às coisas o peso que elas realmente têm.

Tudo fica mais claro para ela nessa volta. Percebe o quanto a sua mãe era jovem, o quanto não valia a pena as implicâncias com as irmãs mais novas - mais útil e eficaz seria, por exemplo, usar sua energia contra os preconceitos e a discriminação que obstruíam tanto o dia-a-dia dos mais jovens co-

mo dos adultos. Há ainda uma questão séria a ser respondida: por que engravidar aos 18 anos, casar com Charlie, o homem que a trairia no futuro, quando havia outras possibilidades e caminhos - um relacionamento com um mais sensual e interessante colega de escola, o poeta beat Michael (Kevin J. O'Connor) e mesmo o desejo de fazer dança?

A história, na verdade, é banal, uma receita fácil de ser digerida e, que em outros momentos, o cinema já experimentou. Mas não se deve esquecer que por trás do colorido figurino, dos ambientes que reconstróem a vida da classe média americana dos anos 50 e dos engraçados fatos que marcam a viagem de Peggy Sue, estão as mãos habilidosas de Coppola. Ele é o mesmo diretor de *O Selvagem da Motocicleta* (*Rumble Fish*), lançado este ano no Brasil, também um filme sobre a juventude, desta vez marginal, sem saídas e contemporânea. Não se deve esperar em Peggy Sue as ousadas formas de *Rumble Fish*. São obras diferentes, apostas até, mas que comprovam o talento e o belo jogo de cintura de Coppola, que já dirigiu também *Apocalypse Now*, *O Poderoso Chefão*, entre outras grandes fitas.

E se fica claro para o espectador que numa viagem no tempo, na realidade, não é possível - mesmo para Peggy Sue ela é imaginária -, essa deliciosa obra de Coppola sugere algo saudável: uma revirada no baú das lembranças, na tentativa de fazer uma avaliação dos erros e acertos do passado, sacudir os preconceitos, apagar as imagens viciadas e cristalizadas que temos sobre certos valores e pessoas. Enfim, mudar o disco. Essa decisão aparentemente dói, mas ela pode contribuir para tornar melhor a vida hoje. Valeu Peggy Sue, por que não para nós?

Peggy Sue - Seu Passado a Espera direção Francis Coppola Com Kathleen Turner, Nicolas Cage, Kelvin O'Connor

ARLENE COLUCCI
Jornalista

Imagine-se na adolescência, 17 anos. Café da manhã, almoço, jantar com a família religiosamente reunida à mesa; a escola que exige que todos os dias, antes das aulas, se cante o Hino Nacional; uma avó que sempre telefona para saber como vai a netinha e uma mãe que aconselha a filha a se manter longe de algo "muito perigoso" - o pênis de um rapaz. Carêta, não? Talvez, se você ainda tem 17 anos. Mas se já ultrapassou a fronteira dos 40 e a vida lhe desse a oportunidade de retomar aos 17, sem lhe roubar uma fatia sequer de toda a experiência acumulada, coisas como essas poderiam ter outro sabor. E outro valor.

O filme *Peggy Sue - Seu Passado a*

Espera (Peggy Sue Got Married) do diretor americano Francis Coppola, oferece justamente esse passaporte de retorno. Uma delícia para nossas cabecinhas fantasiosas. Quem não gostaria de voltar alguns anos e fazer pequenas, mas decisivas reformas no destino? Como dar os passos que não foram dados, recuar quando era realmente preciso e só não conseguiu porque faltou coragem e cabeça.

A personagem Peggy Sue (Kathleen Turner), 42 anos, recém-separada do marido, Charlie Bodell (Nicolas Cage), mãe de dois filhos adolescentes, depara-se com essa oportunidade. Não há nenhuma máquina do tempo à sua disposição, como acontece em *De Volta Para o Futuro*, produzido por Steven Spielberg, outro filme que transforma em realidade o desejo de rever o passado. Uma parada cardíaca

A Obra de Margarethe Von Trotta

A atriz que virou diretora é como pode ser definida a carreira da cineasta alemã Margarethe Von Trotta. Essa mudança de posição, segundo ela, ocorreu porque tinha algo a dizer, o que vem fazendo através de seus personagens, a maioria das mulheres de sua geração, adultos a partir da década de 50, e que nos anos seguintes se rebelaram com o papel que lhes foi imposto.

O primeiro filme de Margarethe Von Trotta, *O Segundo Despertar de Christa Klages* (1977) é sobre uma mulher que assalta um banco para finan-

ciar um jardim de infância, sendo perseguida como se fosse uma criminosa. Nele, Von Trotta diz querer retratar a contradição "entre o que é permitido pelas formas de vida dominantes - o casamento burguês ou as atuais condições de trabalho - e aquilo que desejamos para nossas vidas, o que pode, às vezes, tornar-se insuportável, gerando uma capacidade para a ação."

A riqueza de suas personagens ilustra a contradição existente, não só em Margarethe, mas em qualquer ser humano: "Em certo sentido, há um pedaço de mim em cada um dos pa-

péis femininos do filme *Irmãs ou O Equilíbrio da Felicidade* (1979)," diz ela. "De Maria tenho a capacidade e vontade de viver, se assim não fosse, jamais poderia fazer filmes. Por outro lado, sei que a energia que dispenso nisso corre por conta da sensibilidade. E a sensibilidade, que é Anna em mim, quero conservar a qualquer custo. E tenho, como Miriam, a vontade de viver - a extroversão, a vontade de mostrar, dançar, cantar -, a atriz continua viva em mim... E porque tenho esta contradição dentro de mim, procuro representá-la".

O último filme de Margarethe Von Trotta, *Rosa de Luxemburgo* (1986) sobre a jovem revolucionária polonesa que faz carreira no Partido Social Democrata alemão, apesar de sofrer tripla discriminação, por ser mulher, judia e estrangeira. Dele diz Von Trotta: "Que importa, se alguns homens atrasados consideram intimista e talvez até burguês este *portrait* de uma mulher capaz de sofrer tanto pelo seu marido como pelo seu partido. As mulhe-

res não irão se enganar, mas talvez uma delas devesse chegar primeiro para compreender e representar esta diferença tão singular: a diferença de uma mulher que não se dividiu entre o pensar e o sentir, entre a paixão e a razão."

Os cinco filmes de Von Trotta foram exibidos recentemente no Instituto Goethe (SP) e clube Estação Botafogo (RJ)



INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL NO BRASIL:

ASSUNTO ESTÉRIL

LIA CARNEIRO
jornalista

Fora do tribunal em Hachen-sack, EUA, onde o juiz Harvey Sorkow julgou o caso do Baby M - a menina gerada num ventre de aluguel - a sociedade começou a se envolver na discussão de questões que vão muito além da disputa judicial sobre a custódia da menina concedida ao pai biológico, William Stern, cujo sêmen foi inseminado, mediante pagamento, no útero de Mary Beth Whitehead.

Os americanos ficaram indignados ao descobrirem que não possuem uma legislação que regulamente o aluguel do útero e evite futuras disputas sobre a criança gerada dessa maneira. Na base da pressão democrática, acredita-se que essa legislação deve sair em breve. Mas, e no Brasil, como será o caso Baby M repercutiu? Aqui também se propagou a polêmica quanto à custódia da criança. Aliás, a dúvida foi meio que universal: fica-se com a arrependida mãe biológica ou cumpre-se na íntegra mais um contrato comercial que, inclusive, trazia uma cláusula de alerta sobre possíveis re-cuos?

O mais estranho é que ninguém aproveitou o embalo dessa discussão para dar uma checada sobre a atual situação brasileira no que tange aos aspectos da reprodução humana realizada através da cópula não natural. A inseminação artificial com fertilização in vitro, isto é, o óvulo fecundado pelo esperma num laboratório e o embrião depois transferido para o útero, aconteceu no Brasil desde 1984. Por esse processo já nasceram 27 brasileirinhos de proveta. Todas essas experiências bem-sucedidas sempre foram celebradas pela comunidade científica e pela população, que se emociona pelo "Fantástico" com a alegria do casal que conseguiu romper com os obstáculos determinados pela "mãe natureza".

Mas o aparelho jurídico da nação ainda não se comoveu. Zara Gonçalves Neves de Oliveira, advogada, garante: "Por mais absurdo que pareça, a fecundação artificial não é um assunto abrangido pelas leis brasileiras". Resumindo a gravidade da situação, enquanto os americanos discutem "mãe de aluguel", um capítulo bem mais avançado na história da reprodução humana, o Brasil sequer possui uma legislação sobre a já corriqueira fecundação artificial. A indignação aumenta quando se lembra que a primeira inseminação artificial na espécie humana foi realizada por volta de 1780, por John Hunter, Inglaterra, ou Lázaro Spallanzini, Itália (ainda não foi esclarecida a autoria do feito), o que significa nada mais nada menos que duzentos anos atrás.

O caso do Baby M levanta, no mínimo, duas polêmicas. A do instinto maternal e do livre domínio do corpo feminino. A nível de Brasil, a discussão ficou restrita à custódia da criança e aos poucos casos de inseminação artificial.

Para não dizer que nunca se tocou no assunto, Zara Oliveira localizou no Código Penal um decreto-lei de 1969, hoje já revogado, que determinava que a inseminação artificial em mulher casada com sêmen de outro homem, sem consentimento do marido, era adultério e previa detenção de até dois anos. À primeira vista, pode até parecer uma lei desnecessária porque a idéia de se fazer uma inseminação artificial, ainda mais com sêmen de outro homem, sem a participação do marido, soa como um comportamento totalmente atípico. Mas a lei tinha uma razão para existir: caso o marido não agüente a pressão machista de ter que "engolir" o fato de que

aquele filho não é seu, ele pode simplesmente apelar garantido pelo Código Penal. Em outras palavras, já se pensou no assunto em termos de legislação, mas, como fica evidenciado, de uma forma bastante limitada.

Por que insistir na necessidade de leis que regulamentem o assunto? Pela única razão de que todas essas práticas são como o aborto no País, totalmente ilegais. Isso quer dizer que não há direitos e deveres nem por parte do casal nem por parte dos médicos. Podem até não aparentar, mas essas operações não são assim tão tranquilas. E se há danos ao corpo da mulher? E se há necessidade de abortar? E a proteção ao médico que já deixou o

casal ciente de todos os riscos? E a garantia de que o marido não vai "dar para trás"? E a garantia de que o "outro homem" não descobrirá o destino do seu esperma e resolva conhecer ou até mesmo requisitar a custódia da criança? E quem fiscaliza os bancos de esperma? E quem garante que na ânsia de evoluções na área de reprodução, muitos médicos não acabem usando seus pacientes como cobaias? Como "controlar" a conquista do controle sobre a vida?

Isso tudo, sem falar em vários outros pontos que envolvem complicados e polêmicos conceitos de moral e ética da sociedade e da medicina. As contradições são muitas. A igreja condenou todos os processos de inseminação artificial, enquanto o mundo inteiro discute as mães que alugam seus ventres, colocando em cheque o tão famoso instinto maternal e a plena disponibilidade que as mulheres devem ter sobre seu corpo. Para o Terceiro Mundo, resta a esperança de que todo esse barulho "desperte" os setores interessados, principalmente as mulheres.



Chetana Bunker

ASCENSÃO E QUEDA

TRABALHO

da funcionária pública

CARMEM BARROSO

A administração pública é uma importante fonte de empregos para as mulheres brasileiras, cuja porta de acesso, além do concurso, é o clientelismo político e o casamento. No entanto, a ascensão feminina nesta esfera continua a ser dificultada pela discriminação sexual.

O Brasil permaneceu uma sociedade agrária baseada no trabalho escravo até 1889. Como o Estado era relativamente não-intervencionista e oferecia poucos serviços sociais, a burocracia pública era muito pequena, assim permanecendo até a quarta década do século XX - quando a depressão mundial colocou o País no caminho da industrialização, através da substituição da importação e de um crescente papel ativo do Estado - expandindo seu poder e quadro de pessoal.

Nas últimas cinco décadas, a máquina do Estado brasileiro manteve um ritmo de crescimento rápido, incluindo a criação de estatais, especialmente nas áreas de infra-estrutura e indústria pesada. Paralelamente, houve a expansão e diversificação dos tipos de serviços, especialmente na previdência social, educação e saúde. O resultado é que a razão entre as despesas do governo e o PIB (Produto Interno Bruto) cresceu de 12,5% em 1920 para 32,2% em 1969. Por isso, o sistema público é um grande empregador, isso em todas as regiões do País, embora respondendo a diferentes necessidades e com características diversas em cada uma delas.

No que tem sido chamado de "privatização da esfera pública", os empregos governamentais são "por tradição um meio de pagar dívidas pessoais e assegurar dependentes". Paralelo e simultâneo a essa política clientelista, tem havido um sistema universal de acesso e promoção dentro das esferas mais baixas através da valorização do mérito, desde 1938, quando o Estatuto do Funcionário Público foi aprovado.

Mulheres na Administração Pública

Combater a discriminação sexual nos empregos públicos estava na agenda de professores e esposas de funcionários públicos que fundaram o Partido Republicano Feminino em 1910. Na década seguinte, alguns importantes cargos foram conquistados por mulheres através de concurso aberto. Esta vitória foi curta, porque em 1937 um golpe banuiu as eleições e excluiu as mulheres da diplomacia e outros cargos governamentais para os quais elas tinham sido recentemente

admitidas. No entanto, em 1938, o censo de servidores federais já registrava 8,8% de mulheres.

A administração pública tem-se tornado, cada vez mais, importante fonte de emprego para as mulheres. Isso se deve à conjunção de quatro fatores: a provisão pelo Estado de serviços tradicionalmente realizados pelas mulheres dentro da família e o reforço ideológico da imagem dessas tarefas como "serviços de mulher"; a crescente deterioração dos salários dos servidores, fazendo-os cada vez menos desejáveis para os homens, exceto nos cargos mais altos de algumas estatais; a natureza menos exigente dos empregos públicos, tomando-os mais compatíveis com a dupla jornada feminina; e as práticas menos discriminatórias de admissão adotadas pelo Estado, supostamente guardião da implantação de leis antidiscriminatórias no setor privado.

Enquanto as mulheres ainda são uma minoria nas estatais nas áreas de indústria, agricultura, comércio e transporte, elas predominam nos serviços sociais. Porém, estão praticamente ausentes dos cargos mais altos, dada sua limitada participação em política partidária.

Diferenças de renda por sexo em algumas ocupações selecionadas mostram uma dramática realidade: enquanto o salário mínimo no Brasil é invariavelmente baixo: 50% das mulheres economicamente ativas ganham me-

nos que o mínimo legal. Muitas são trabalhadoras rurais, mas mesmo professoras primárias ganham menos que o mínimo quando trabalham em pequenas cidades. O Brasil tem a vergonhosa distinção de possuir a pior distribuição de renda do mundo, e um indicador disso é a larga variação entre a renda média de várias ocupações. As diferenças entre homens e mulheres são enormes em todos os grupos ocupacionais (exceto na defesa nacional e segurança pública, onde o número delas é pequeno e se restringe a cargos técnicos).

A Lei e o Mundo Real

A Constituição brasileira de 1934 estabeleceu igualdade de pagamento para homens e mulheres, mas quando os primeiros salários mínimos foram fixados em 1940, um salário mais baixo para mulheres foi autorizado. A Constituição de 1967, produto de um golpe militar, trouxe no entanto um importante princípio de igualdade em contratação, o que foi reforçado pela Lei 5.473 de 1968, que estabeleceu a igualdade de qualquer ato ou norma que, direta ou indiretamente, discrimine mulheres na seleção de empregos em qualquer instância. Na prática, os efeitos dessas e de outras leis deixam muito a desejar devido à combinação de diversos fatores: não há disseminação suficiente de informação sobre os direitos legais das mulheres; o governo não dá prioridade ao problema da discriminação sexual; a população em geral e as mulheres em particular evitam recorrer ao sistema judiciário, geralmente caro e vagaroso; na maioria das vezes a discriminação é velada e difícil de ser documentada.

A noção de "evolução natural" do status da mulher e a complacência

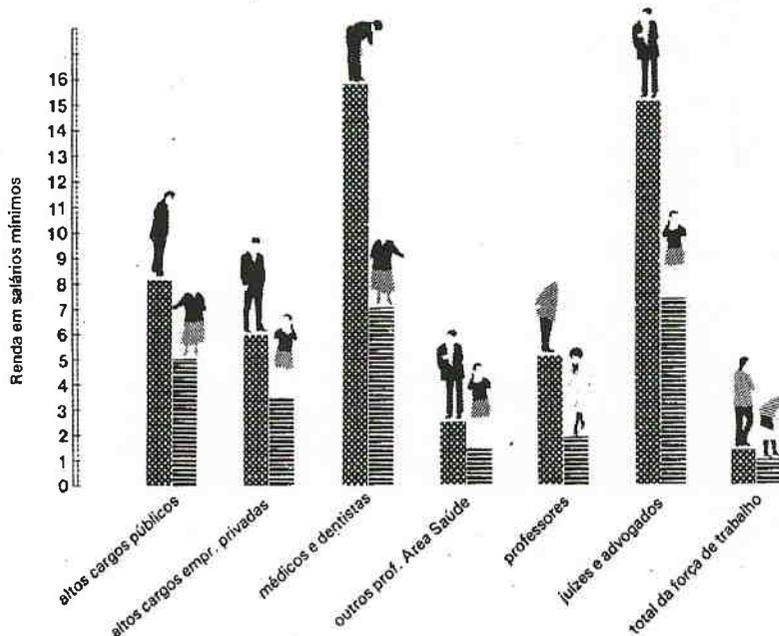
com uma situação muito desigual em todos os aspectos têm sido questionadas por um movimento crescente de mulheres. Este movimento que atravessa todas as classes sociais tem tido sucesso em trazer a desigualdade para a discussão pública nos meios de comunicação de massa e fóruns públicos na última década, e também em estabelecer um novo clima que incitou os governos pós-autoritários eleitos desde 1962 a criarem "Conselhos dos Direitos da Mulher".

As vésperas da elaboração de uma nova Constituição, há um debate nacional entre mulheres acerca dos princípios que elas querem ver consolidados na nova Carta. Em relação ao trabalho e às leis de previdência social, há um consenso sobre a igualdade de acesso e promoção, mas existe controvérsia em questões como a aposentadoria precoce para mulheres, previdência social para donas-de-casa, licenças de maternidade mais longas e licenças de paternidade. Por trás dos problemas específicos há um princípio básico: deve a lei ignorar desigualdades sociais passadas e presentes ou deve reparar os obstáculos que têm prejudicado as oportunidades das mulheres? Parece que a visão predominante é em direção à abolição de qualquer tratamento diferenciado. Coerente com essa posição, um dos principais alvos são as leis de previdência nacional, que não estendem aos maridos das funcionárias os mesmos benefícios concedidos às esposas dos colegas delas.

Cerca de 50% das mulheres economicamente ativas ganham menos do que o salário mínimo.



RENDA MEDIANA POR SEXO



Em altos cargos públicos a mulher tem apenas 61% da renda mediana do homem.

Acesso e Avanço na Carreira

Os potenciais e limites das atuais mudanças estão refletidos nas eleições de novembro de 1986, quando o número de mulheres na Câmara Federal cresceu de oito para 26. Esta mudança sem precedentes, porém, representa apenas 5,3% do número de cadeiras.

Outra restrição séria a ganhos futuros é a crise econômica. Imerso num débito imenso, o País seguiu as indicações do FMI, gerando uma profunda recessão no início dos anos 80. A recuperação de 1985/6 não foi suficiente para restabelecer os níveis anteriores nem levou à correção de distorções estruturais. Atualmente, o serviço da dívida e a alta taxa de inflação, junto com persistentes desequilíbrios estruturais, constituem ameaças à estabilidade institucional e ganhos de grupos menos privilegiados.

Estudos de mulher na administração pública são raros no Brasil. No entanto, uma interessante exceção foi aberta por Selene Santos no livro *Trabalhadoras do Brasil* (Brasiliense, 1982) que entrevistou 63 profissionais trabalhando em quatro estatais. Estas mulheres estavam em posições privilegiadas porque suas companhias (uma no campo energético, uma em mineração e outra em comunicação) são parte do setor moderno do serviço público. Uma grande proporção das mulheres entrevistadas veio de famílias privilegiadas: seus pais eram grandes fazendeiros, homens de negócio, ou,

profissionais bem sucedidos. Apenas 10% delas vieram de esferas mais baixas de trabalhadores rurais e urbanos.

Embora as estatais, supostamente, acatem critérios impessoais no preenchimento de seus cargos, este não foi o caso com pelo menos 47% das entrevistadas, que tiveram que ativar sua rede de relações informais para serem admitidas, sendo importante para isso a classe social, pois amigos e parentes facilitam acesso aos empregos.

Nos depoimentos transcritos é impressionante como a discriminação contra a mulher é relacionada implícita ou explicitamente a tentativas de controle da sexualidade feminina e à proteção de tradicionais valores familiares. Colegas mulheres parecem ser vistas como ameaças a famílias bem estabelecidas e ao ego masculino.

Santos encontrou duas barreiras principais para o avanço profissional das mulheres. Primeiro, muito poucas exercem funções técnicas em atividades afins da empresa. As estatais sofrem hipertrofia onde uma grande proporção de seu "staff" - homens e mulheres - trabalham em projetos não-essenciais, e há discriminação contra mulheres, justificada por argumentos de que é impraticável para elas viajar, ser respeitadas por trabalhadores etc.

Segundo, mulheres raramente são promovidas a posições de direção. Aqui, de novo, as redes informais têm um papel muito importante. É interessante como o casamento também

atua como multiplicador das relações sociais, de maneira que as mulheres casadas têm postos mais altos. Santos não acredita que isso se deva ao nepotismo, mas ao fato de que através de seus maridos tiveram acesso a uma rede informal onde sua competência tornou-se visível, e elas puderam adotar um estilo de comportamento e comunicação que é parte da cultura masculina. Casamento, no entanto, pode ser uma faca de dois gumes. Espera-se que as mulheres aceitem salários mais baixos porque seus maridos ganham bem. A moralidade sexual é, novamente, outro fator que atrapalha o avanço da mulher. Um depoimento exemplifica isto claramente: "Se eu te promover - disse o meu supervisor - teria de viajar com você e minha mulher não gostaria". A divisão sexual do trabalho na família é reproduzido na companhia, onde mulheres acham mais fácil serem secundárias ao homem.

Um conflito declarado entre seu papel profissional e sua identidade enquanto mulher é raramente resolvido de maneira adequada, especialmente devido ao fato de que as condições em casa não mudaram muito. O trabalho doméstico continua a ser responsabilidade da mulher, não dividida com o marido, mesmo quando seu salário é mais alto que o dele. Ao mesmo tempo, para serem respeitadas como profissionais, elas sentem necessidade de construir um muro entre esses dois

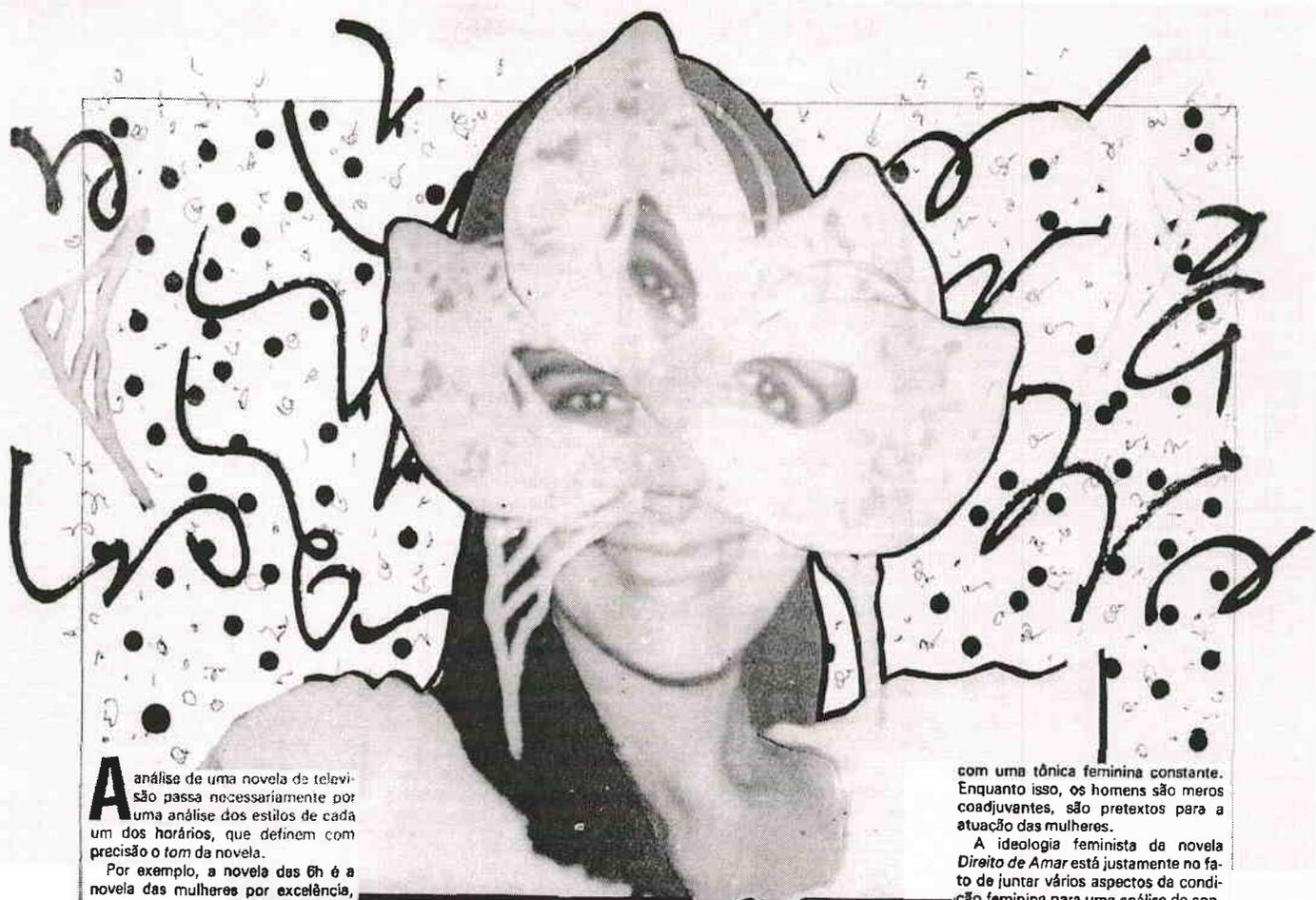
mundos. As crianças são uma ameaça a essa nítida fronteira. E algumas das mulheres pensam que elas devem ser mantidas longe do trabalho para não perturbar a imagem de uma profissional empenhada.

É possível que agora a influência das idéias feministas possa ter mudado a percepção de muitas mulheres, mas algumas ainda dizem orgulhosamente: "Falo com meus colegas de igual para igual: de homem para homem". Como elas nunca serão homens, sua aceitação sem questionamento de arranjos domésticos e políticos da companhia que ignoram compromissos familiares criará nelas uma ambivalência psicológica que constantemente minará seus esforços profissionais.

CADERNOS DE PESQUISA

- O "ofício de criança": definição social da primeira infância e funções diferenciadas da escola maternal - Jean Claude Chamboredon e Jean Prévot n.º 59
- A Constituinte e a Educação da criança de 0 a 6 anos - Maria Machado Malta Campos n.º 59
- O trabalho pedagógico nas classes de pré - 1.º grau - Regina A. de Assis n.º 59
- Relações de classe e de gênero e modificações no trabalho docente - Michael Apple n.º 60
- A relação creche-família - Lenira Haddad n.º 60
- Tempo de mudança na creche da Vila Praia - Ana Maria Mello n.º 60
- Trabalho Feminino: igualdade ou proteção? - Cristina Bruschni n.º 61

Assinaturas, venda avulsa
Fundação Carlos Chagas
Av. Prof. Francisco Morato, 1.565
São Paulo - CEP 05513 - Tel. (011)
211.4511



Análise de uma novela de televisão passa necessariamente por uma análise dos estilos de cada um dos horários, que definem com precisão o tom da novela.

Por exemplo, a novela das 6h é a novela das mulheres por excelência, adocicada e romântica. Por isso muitas vezes o tema é "de época", com um guarda-roupa e penteados requintados, enfim, toda uma parafênalia que coloca a novela num plano "histórico" ou de sonho, deixando poucas possibilidades de identificação com a realidade do público. A novela das seis em relação ao seu público repete de certa maneira o exemplo de Barthes sobre as receitas de culinária da revista *Elle*. Neste ensaio, Roland Barthes mostra que as receitas da *Elle* são exageradamente complicadas e dispendiosas, o que está em total contradição com seu público de classe média baixa e popular. Paradoxalmente essas receitas não são publicadas para serem executadas, mas somente para serem lidas e sonhadas. É como a novela que, em princípio, só serve para alimentar um sonho romântico.

Embora dirigida por homens, a atual novela das 6h da Rede Globo, *Direito de Amar*, é escrita por duas mulheres e inspirada num original de Janete Clair. No entanto, uma novela feminina não é necessariamente feminista. As autoras fazem um esforço apreciável para dar a esta novela um certo tom feminista pleiteando através do comportamento livre de Carola e da revolta de Rosália uma transformação da condição feminina.

A narração, entretanto, é às vezes hesitante e pouco convincente. Para cada grande cena onde se esboça uma tese de mudança e liberação, dois outros capítulos vêm nos "confortar" com alguns bons goles de água com açúcar. Enfim, essa lentidão no processo de transformação de costumes

O Imaginário feminino na novela das seis

MARINA M. HECK

de uma sociedade é normal e, talvez, seja justamente isso que seduza nesta novela. Ela segue o ritmo normal de todos os movimentos de liberação: para cada passo dado, um longo tempo de maturação. É justamente durante esta maturação que os movimentos ou bem se sedimentam e se preparam para um novo passo, ou bem se degridam e desaparecem no espaço.

A cena da Igreja, por exemplo, onde Rosália se libera do jugo do pai e, recusando-se a partir com o marido, rompe radicalmente com a sociedade que a formou. Esse rompimento, entretanto, é ainda em nome de um homem, que a decepciona por não ter a mesma força para romper com o seu mundo. Segue aí a transformação do personagem, formulação literária que está muito na moda, (vide Renato Vilar em *Roda de Fogo* e Paulo em *O Outro*). O personagem amnésico substitui seu sócio e surpreende pela transformação de comportamento. Neste

sentido, Rosália também troca de personalidade, daí a importância da cena do casamento. A Rosália submissa e obediente se transforma em uma Rosália decidida que enfrenta preconceitos e luta pelo que quer. Sua luta difere entretanto da luta de Paulo, pois embora ela também lute por Adriano, ela aceita sem questionar toda uma série de imposições do todo poderoso Monserrat.

Porém, a trama e o ritmo desta novela não parecem ser o ponto fundamental que deve dirigir esta nossa análise. O que há de original e importante em *Direito de Amar* é sobretudo o fato de que todos os personagens femininos são interessantes, mais ou menos fortes, mas em todos os casos, com uma cabeça que pensa, que ora propõe algo de novo, ora amadurece uma idéia, com um certo grau de reflexão constante. Não é só uma novela para mulheres e escrita por mulheres, mas é sobretudo a respeito de mulheres,

com uma tônica feminina constante. Enquanto isso, os homens são meros coadjuvantes, são pretextos para a atuação das mulheres.

A ideologia feminista da novela *Direito de Amar* está justamente no fato de juntar vários aspectos da condição feminina para uma análise de conjunto da sociedade contemporânea. Por outro lado, nem todos os personagens femininos propõem grandes transformações em suas vidas. Nem todas as mulheres são Rosálias ou Carolas, nem mesmo o simpático triunvirato - Mariana, Marizê e Marinês. Algumas estão presas por preconceitos que não conseguem vencer. Joana enlouquece, Alice luta contra seus instintos, Paula usa de todos os artifícios "masculinos" para conquistar Adriano. Enfim, por bem ou por mal, em nome de uma causa ou de outra, o importante é que todas elas lutam.

Nesse ambiente de reflexão e de luta, num cotidiano penoso, as preocupações masculinas são mesquinhas e insignificantes. Os homens parecem se movimentar como marionetes nas mãos dos personagens femininos, e é por esta razão que afirmo acima, considero esta novela notavelmente feminina.

Obedecendo as características específicas do seu horário, esta novela tem o grande valor de apresentar um ponto de vista feminino que pode até mesmo gerar reflexos reivindicativos para um público que raramente tem acesso a uma cultura feminista. Há muitos anos atrás uma outra novela, *Nina*, tentou falar de feminismo; mas no antigo horário das 10h, inacessível às classes populares.

Podemos, talvez, esperar que do nível do sonho, finalmente a novela das 6h tente falar de uma realidade: a luta das mulheres.

Marina M. Heck é socióloga-urbanista, autora de *L'Etat Des Lieux*

W A I O

FEMINISMO?

"Belas Adormecidas", "Maldição da Igualdade" e "Maldição do Separatismo" são os títulos de três artigos extraídos da insuspeita publicação feminista belga Cahiers du Griff, que Fúlvia Rosemberg traduziu e sintetizou.

FÚLVIA ROSEMBERG

O Movimento de Mulheres revê opções. Feridas são abertas. Sangra e vive. Os textos que seguem podem assustar. São fragmentos publicados no *Cahiers du Griff*, e extraídos do colóquio "D'Amour et de Raison", realizado em 83. A vontade seria incluir todos, em toda sua extensão. Impossível, que penal Organizai, então, uma colagem composta por extratos de três textos escritos por autoras diferentes. Mais do que uma síntese procurei recompor um painel. Talvez assim aguçe a curiosidade das leitoras. Ou de alguma tradutora. Ou, quem sabe, de alguma editora.

Belas Adormecidas

Belas Adormecidas... quem sabe se o beijo de um príncipe também conseguiria nos livrar de um sono dogmático (que pode mesmo ter sido um pesadelo)? Será que dormimos durante todos esses dez anos? (Ainda bem que não foram os cem anos do conto.) Quem sabe se esses anos de Feminismo nada mais tenham sido que uma espécie de letargia, agitada com certeza, mas separada da "verdadeira vida" pelo efeito mágico de uma tripla maldição...

- Maldição da fórmula (tão frequente entre nós) de que o "privado é político", o que teria permitido a ingerência imperialista de uma política feminista na vida privada de cada uma, o que teria permitido florescer o moralismo, censurado os fantasmas.

- Maldição da igualdade: ilusão de uma transparência nas relações entre mulheres, tão bem expressa através de cacóetes de linguagem como "nós outras", "nós mesmas", "nós mulheres" que usamos e abusamos em nossas falas e escritos, mas que a experiência parece desmentir cruelmente.

- Maldição do separatismo mulher-homem, que teria imposto um corte, uma exclusão capaz de levar suas pretensões até o ponto de tentar legislar sobre as escolhas individuais dos objetos sexuais das mulheres.

Como no conto, alguém ofereceu o fuso para que aí a Bela Adormecida espetasse o dedo, teríamos então sido bruxas umas para as outras? Mas o conto diz, também, que após os cem anos, quando o encantamento se des-

fez, cada personagem ao se reanimar assumiu a mesma pose em que se encontraria antes da maldição ocorrer. E que após a chegada do príncipe, a vida recomeçou exatamente como antes.

Será que estávamos realmente procurando uma liberação? Será que a quebra da maldição significa a volta a um mundo idêntico àquele de antes, do qual quisemos nos distanciar através de diferentes formas de ruptura, distância, ausência?

Ao amanhecer será que nossos olhos, enfim abertos, reconhecerão a perenidade desse mundo, e de nosso lugar de mulher, sem que nada tivéssemos conseguido mudar? Quem sabe se a lucidez recuperada nos remeterá à multiplicidade de nosso ser de mulher, e por isso mesmo às negociações sutis e individuais de todos nossos personagens com a ordem e o espaço estabelecidos...

Maldição da Igualdade

A primeira etapa do Feminismo foi marcada por um pensamento do "nós mesmas"; temos agora de enfrentar um pensamento do outro. Com efeito, num primeiro momento, para nos encontrarmos e nos reunirmos, elegemos tudo aquilo que nos parecia identificar umas com as outras e subestimamos, ou quisemos ignorar, aquilo que nos poderia diferenciar.

Nossa tendência era atribuir toda dissensão à questão da desigualdade sexual, como se a sua superação permitisse que entrássemos automaticamente num paraíso homogêneo, aquele do mundo das mulheres. Talvez, pelo fato de a diferença sexual, recoberta por discriminação, ter desempenhado um papel tão destrutivo em nossa história, é que desconfiássemos de toda e qualquer diferença e valorizássemos a indiferença (ou semelhança).

Delimitamos, então, dois territórios nitidamente distintos, sobre o qual pensávamos frequentemente em termos de oposição - o masculino de uma parte, o feminino de outra - (usando exatamente a mesma lógica binária que recusávamos para outros domínios por considerá-la produto da sociedade falocrática). Tentávamos reequilibrar uma divisão que tradicionalmente nos havia sido imposta em termos desiguais, como aquela do universal (o masculino), e do particular (o feminino), do maior e do menor, do dominante e do dominado.

Nesse processo de reequilíbrio também sobrepujamos à oposição feminino-masculina um julgamento de valor maniqueísta (que atuava como contrapeso à cultura dominante): às mulheres pertenciam, de agora em diante, a pureza de sentimentos, a ausência de ambição, o pacifismo etc.; aos homens, o maquiavelismo, o gozo do poder, a agressividade. Seguíamos

uma tendência (que não é exclusiva do Feminismo) de assimilar a bondade ao oprimido, pela simples condição de opressão. Postulamos a existência de uma natureza feminina superior e pudemos parodiar Jean Jacques Rousseau - "A mulher nasce naturalmente boa mas é a sociedade patriarcal que a corrompe." Imputamos às sequelas dessa sociedade tudo o que ingripava o mecanismo de nossa ação e que ameaçava nosso entendimento.

Neste momento, uma corrente importante do Feminismo desenvolveu a idéia da existência de uma especificidade feminina, uma feminilidade diferente da feminilidade tradicional (mas não menos poderosa) capaz de gerar uma harmonia espontânea entre as mulheres, imediata, de tipo intuitivo. Forjou-se, mesmo, uma palavra: **SISTERHOOD** nos países de língua inglesa e **SORORITE** nos de língua francesa. Se nos países latino-americanos essas expressões não pegaram (a mais próxima tradução seria "irmandade", que carrega uma conotação religiosa acentuada), aqui também foram encontrados equivalentes igualmente significativos: "nós mesmas", "nós outras", "nós mulheres".

A experiência social entre as mulheres ocorreu, então, a partir da hipótese de uma transparência total, sem obstáculos, na comunicação entre as mulheres. Daí nossa recusa de tudo aquilo que, mesmo de leve, pudesse lembrar a organização social masculina: a divisão e a especialização das tarefas, a hierarquia, a afirmação individual, a relação com o dinheiro, a elaboração de regras ou de leis de funcionamento. Toda mediação era percebida como maléfica. Não se tratava nem mesmo de uma fórmula da democracia direta, mas do pressuposto de um consenso (...)

Entre outras hipóteses, pode-se pensar que essa primeira experiência social das mulheres se constituiu sobre o modelo familiar. A ligação entre as mulheres era, de início, pensada na forma de consanguinidade. E o grupo ou a responsável do grupo era destinada a desempenhar o papel (enfim!) da boa mãe, oposta à mãe má da família falocrática. Foi então que muitas mulheres projetaram sobre o Feminismo uma demanda exorbitante que não podia ser satisfeita: aquela de um seio materno pleno, inesgotável.

Na época, muitas desviaram contra as "irmãs" (e às vezes mesmo com violência) os conflitos que não conseguiam ou não ousavam resolver em outro canto. Assim, numa luta que visava à falocracia e os homens, os golpes foram muitas vezes desviados contra as próprias mulheres. Pode-se pensar que este fenômeno não é específico da luta das mulheres e que se encontra em toda luta de "minorias".

mas ele se tornará particularmente surpreendente no Feminismo que creditava às mulheres um pacifismo congênito.

Maldição do Separatismo

A tentação é grande, nos grupos de mulheres em luta, como para cada mulher individualmente, de querer falar da *Mulher* atribuindo uma unidade biológica e/ou espiritual a esse conceito: o **HOMEM**, a **MULHER**. À primeira vista as duas faces - biológico/espiritual - parecem se excluir. Uma parece materialista, a outra idealista, para retomar uma oposição comum.

Porém, de fato, elas são absolutamente solidárias e se reencontram. Sob a noção biológica, há necessariamente a idéia de uma unidade espiritual claramente discernível quando se refere às ideologias fascistas: a unidade espiritual implica também a unidade biológica. Como o ser ariano era puro, a **MULHER** é agora pura. O homem funciona, nessa nova estrutura de exclusão, como o judeu na ideologia nazi: ele é ao mesmo tempo sujo, sexuado, conspurcado, impuro, simplesmente porque é homem. Trata-se de uma condenação sem apelo. Nenhuma salvação é possível porque se trata da categoria homem. É apenas nessa condição que a categoria adversa **MULHER** pode ser globalmente salva. Uma mulher, porque mulher, será sempre menos suspeita de impureza, qualquer que seja sua prática social, política etc... O homem, ao contrário, será de antemão condenado. Percebe-se o que há de fundamentalmente religioso nessa posição (...)

O que as mulheres que empregam um tal discurso querem exorcizar? Ao mesmo tempo a linguagem, o inconsciente, a história, esses novos demônios. O homem aparece, em muitas das ideologias feministas, ao mesmo tempo como sexuado, sujo (o esperma é nojento; as excreções do corpo feminino são "puras" ou relativamente menos "sujas") mas também com um corpo, uma palavra, uma linguagem ancorados na história. Por contraste, as mulheres querem sair da história, da língua, do jugo do inconsciente, da sexualidade: encontrar a "beleza", um corpo *puro*. Este é um universo da comunhão, da fusão com a mãe.

NÃO FIQUE SÓ!

TENHA NOVAS PERSPECTIVAS DE VIDA.
INSCREVA-SE NO PROJETO
CONVIYER
GRUPOS DE ALTO NÍVEL
SOCIO-ECONÔMICO
FONE: 255-3498

ASSASSINO SOLTO

Entre 1979 e 1980 a doméstica Marli Pereira Soares foi capa de inúmeras revistas e, em abril de 1981, a publicação francesa "F-Magazine" a incluiu entre as cinco mulheres que mais se destacaram em 1980. No entanto, a história que ganhava as manchetes dos jornais brasileiros e internacionais era trágica, misturava violência policial e impunidade. No dia 12 de outubro de 79, oito homens da Polícia Militar inva-



Marli Pereira Soares e o filho presenciaram o assassinato

diram o barraco de Marli na Baixada Fluminense, espancaram seu irmão Paulo Pereira Soares de 18 anos, que foi arrastado para fora da casa e assassinado a tiros. Ao buscar punição para os soldados, Marli teve de enfrentar a Polícia Militar que se prontificou a ajudar na identificação dos criminosos, só que estes nunca estavam nas tropas que a PM passava em revista diante de Marli. Mas apesar de todas as ameaças, ela conseguiu identificar o assassino, o PM Jairo Pedro dos Santos. Depois de sete anos de um arrastado processo, a surpresa: ele foi absolvido pelo Tribunal do Júri de Nova Iguaçu, em abril último, alegando que Paulo violentou sua mulher. Mais uma vez a vítima foi culpada e não se fez justiça no Brasil.

DEMISSÃO SUSPEITA

Seguindo a trilha da demissão da equipe de sanitaristas - considerada a melhor que o País já teve - instituída pelo ex-ministro da Saúde, Carlos Santana, o atual ministro Roberto Santos incluiu em sua lista o nome da diretora da Divisão Nacional de Vigi-

lância Sanitária de Medicamentos - Dimed, Suely Rosenfeld. O motivo da demissão é muito simples: a determinação de Suely em fazer cumprir a lei. Ela tem estado em evidência desde que começou a examinar com mais rigor a fórmula dos remédios - como o Vitasay - e a regulamentar a venda de antidistônicos, numa tentativa de moralizar o setor. Segundo Suely o ministro é um homem conservador e por isso atrasa a reforma sanitária e cede a pressões políticas.

TORTURADOR IDENTIFICADO

A dentista catarinense Marli Gernias acusou o chefe de investigações da Delegacia de Roubo e Furtos, Roberto de Mello e Silva, de tê-la sequestrado e torturado recentemente. Marli alega ter sido sequestrada em sua casa, em Santa Catarina, e forçada a entrar num carro de sua propriedade, roubado pouco tempo antes - mas do qual não deu queixa - e depois levada para Porto Alegre, onde foi torturada durante oito dias. O mesmo policial foi reconhecido e acusado de torturar presos por Maria Edí de Matos, que fez a denúncia apenas aos jornalistas por temer represálias.

ARMA CONTRA ESTUPRO

Um caso de estupro, seguido de morte, foi solucionado pelo doutor Wilmes Teixeira, sem a ajuda de testemunhas. Ele desenvolveu técnicas pioneiras no trato do crime sexual, colhendo provas vestigiais, a maioria imperceptíveis a olho nu, que vão permitir estabelecer um elo biológico de provas entre a vítima e os suspeitos do crime. "Esse trabalho faz parte de uma tentativa de criar uma nova mentalidade na investigação dos crimes sexuais, além de implantar um meio científico de combate ao estupro", diz. O Centro Informativo Médico Legal William Eckert elaborou um kit para análise que será distribuído também entre os ginecologistas.

SOCO CERTEIRO

A delegada Maria Inês Fraga, há oito anos na Polícia Federal, foi afastada de seu posto no Aeroporto Internacional do Galeão após ter se "desentendido" com o ex-governador de Mato Grosso e atual constituinte pelo PFL, Júlio Campos. O deputado tentava se esquivar do detector de metais quando foi abordado pela delegada que quis ver seus documentos. Escorado na imunidade parlamentar, Campos se

ARQUIVO DE IMPRENSA

FRASES

Sobre Marli Pereira Soares: "Ai está de fato nossa educadora, nos ensinando como se defende a civilização de um país, por pequena que seja."
Antonio Callado - escritor

Dirigido para a grevista Maria das Neves, em Brasília, no dia 30 de março: "Não se aproxime muito porque posso te bater."
José Aparício de Oliveira - governador do Distrito Federal

Em recente visita ao Brasil: "Sou um feminista devotado... Considero as escritoras mais interessantes do que os escritores porque elas fazem um tipo de romance que gosto de ler, de observação social."
Gore Vidal - escritor

negou e agrediu verbal e gestualmente a delegada que em resposta acertou-lhe um soco no supercílio, que abriu um corte de dois centímetros. Depois de uma rápida passada pela Superintendência da Polícia Federal para registrar a queixa contra a delegada, Júlio blefou: "Tudo não passou de uma unhada".

ESCONDENDO O ABUSO

Para quem não compreende a participação feminina na República Islâmica do Irã e o uso do chador (véu que cobre o rosto das mulheres e simboliza o reconhecimento de seu lugar na sociedade), o depoimento de uma iraniana que agora vive na Alemanha Ocidental é esclarecedor. Ela conta que durante o governo de Pahlevi, as mulheres obtiveram acesso à vida pública e magistério. O chador era uma questão de escolha pessoal. Mas, no regime do Xá, a desigualdade social era muito grande e as mulheres passaram a lutar para sua derrubada lado a lado com os seguidores de Khomeini, sem se darem conta do fanatismo de seus seguidores. Usavam o chador nas manifestações, crendo que, como prometido, os direitos individuais de todos os grupos sociais seriam respeitados com o fim da monarquia. Porém, os abusos do período Pahlevi deram lugar a um retrocesso da mulher no regime dos aiatolás. Elas ficaram restritas às tarefas domésticas e caso sejam



Santana e Silva

presas por desobediência, sofrem novos abusos. Como o Corão não permite a execução de virgens, muitas presas são violadas nas celas das prisões.

LEI PROTEGE O PAI

Maria Célia Vargas vem tentando, junto às autoridades brasileiras e francesas, recuperar o filho Hugo Vargas Rozner, raptado em dezembro do ano passado pelo pai, o francês Raymond Vargas Rozner. Maria Célia viveu em Paris com Rozner durante dez anos. Depois da separação, em 1984, ela voltou para o Brasil com o filho e Raymond fez poucos contatos com a família desde então. No fim do ano passado, Rozner atraiu o filho sob o pretexto de comprar um brinquedo e raptou-o, levando-o para a França. Maria Célia conseguiu uma ordem judicial para ter o filho de volta, mas a polícia francesa recusa-se a ajudar, e o marido, acusado de envolvimento com a máfia corsa, continua de posse de Hugo.

ORDENAÇÃO DE MULHERES

A Igreja Anglicana está em crise. O motivo não são as pequenas questões que sempre geram discussões e alarme em suas sessões. A polêmica agora gira em torno da ordenação de mulheres. A simples cogitação do assunto foi capaz de provocar uma quase cisão entre os segmentos pró e contra, representados pelo arcebispo de Canterbury, Robert Runcie, o primeiro na hierarquia anglicana, e o bispo de Londres, Graham Leonard, favorito de Margaret Thatcher. Leonard argumenta que o homem foi escolhido para o sacerdócio e a mulher para a maternidade, o que, segundo seus oponentes, confinaria o cristianismo aos de nascimento judeu e colocaria a espiritualidade como privilégio masculino. O bispo londrino afirma ainda que o movimento para ordenação de mulheres, bem sucedido em Igrejas Anglicanas fora da Inglaterra, está sendo fomentado pelo Feminismo e pela moda.

Chador: e prática da submissão no terra dos aiatolás

LAURIMAR COELHO
Jornalista

O Vale do Javari fica no Alto Solimões, extremo oeste do Amazonas, e abriga cerca de 3 mil índios pertencentes a diferentes etnias. São mais de seis grupos indígenas que se encontram dispersos numa região próxima ao novo poço petrolífero descoberto pela Petrobrás em abril, às margens do rio Urucu. Esse avanço desenvolvimentista pode significar o comprometimento da sobrevivência das nações indígenas, segundo a União das Nações Indígenas (UNI), Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi) e Operação Anchieta (Opan), entidades que estão lançando a Campanha do Javari para alertar a população brasileira sobre a situação dos índios naquela região.

Os conflitos entre os índios e os trabalhadores da Petrobrás existem desde 1984, quando a estatal começou suas pesquisas para verificar a presença de gás natural no subsolo da região. A própria empresa chegou a afirmar que seriam tomadas medidas para se evitar qualquer incidente com os índios, minimizando ao máximo seus efeitos para que as atividades de exploração não parassem.

No entanto, um ano antes, 1983, a Petrobrás reconhecia oficialmente o uso de explosivos para afugentar os índios arredios das proximidades. A questão a ser ressaltada, no momento, é que a Área Indígena Javari foi interdita através da portaria do presidente da Funai de n.º 1.849/E, de 8 de abril de 1985, determinando a imediata

Depois dos projetos Jari e Calha Norte, surge uma nova ameaça para as nações indígenas na região amazônica: o poço petrolífero de Urucu. E ao contrário do que prega a propaganda oficial - de que é difícil separar índio e terra - essa divisão vem ocorrendo por interesses econômicos e sob o olhar complacente do Governo.



Moça da aldeia de Massapé (Javari) pintando-se com Urucum

retirada da Petrobrás da área indígena. Juntamente com esta lei, há o artigo 1.º da Lei 2.889/56, que prevê a pena de homicídio a "quem quer que, com intenção de destruir no todo ou em

parte grupo racial étnico ou religioso, matar membros do grupo ou causar lesões à sua integridade". Porém, segundo informações do Cimi, tais leis não são obedecidas.

DEMARCAÇÕES: Tudo continua na mesma

"As constantes invasões das áreas indígenas por extrativistas que buscam recursos naturais já mataram muitos índios e outros mais devem morrer, especialmente os isolados que resistem à invasão dos brancos pelos métodos tradicionais de luta." A declaração é de Ailton Krenak da União Nacional dos Índios (UNI), para quem a política do Governo Federal para os índios é a do esvaziamento, caracterizada pela propaganda divulgada em março/abril pela TV, na qual aparece um índio com cocar, bracadeira, colar, tanga e perneira de diferentes Nações. Quando do descobrimento do Brasil, viviam no País cerca de 5 milhões de índios, hoje elas não passam de 200 mil, sendo que muitas Nações estão ameaçadas de extinção.

As comunidades indígenas estão reivindicando na nova Constituição, além da cidadania plena, o usufruto exclusivo das riquezas naturais do solo

e subsolo das áreas que ocupam. "Um parente muito sábio", diz Ailton, "observou: Como é possível ao governo explorar o subsolo sem mexer com quem está em cima da terra?" Porém esta luta implica na luta pela demarcação, travada desde o início do século. "A afirmação de que existe muita terra para pouco índio é mentirosa", garante o líder da UNI, "pois somente é considerada área indígena os locais onde vivem índios, sendo que a demarcação não passa de um reconhecimento administrativo".

Segundo Ailton Krenak, o governo da Nova República mente ao afirmar que bateu o recorde de demarcações de terras indígenas. "Ele apenas deu andamento aos processos parados nos últimos 20 anos, que não ultrapassam 14% da área total reivindicada." De maio de 85 a dezembro de 86, o Grupo de Trabalho Interministerial apreciou 85 processos de demarca-

ções, sendo que 51 foram paralisados, vinte interrompidos e oito sustados. Conclusão: as demarcações totalizaram 1.818.371 hectares de um total reivindicado de 19.913,54 hectares, que beneficiariam 88 povos.

Para agravar ainda mais a situação, os empresários paulistas, no churrasco que tiveram com o presidente José Sarney, em Itaipá no mês de março, fizeram uma ressalva dura para os índios: não podiam tolerar que se insistisse na demarcação de 70 milhões de hectares para os índios, quando a agricultura possuía apenas 52 milhões de hectares. "E quase uma ameaça às reservas indígenas", analisa Krenak, "que devem continuar sem proteção legal, como aconteceu com a reserva indígena Kikbatsa, repassada para o empresário Mathias Machiline, amigo de Sarney, e a reserva dos Kadiwéu, arrendada para fazendeiros. As duas no Mato Grosso."

Antônio Carlos Magalhães, antropólogo que trabalhou junto à Petrobrás na exploração da região amazônica, disse estar surpreso com a crescente invasão das terras indígenas. Para ele, o papel da Funai deveria ser mais atuante: "Ela não faz nada para impedir que as empresas estatais e multinacionais violem os direitos dos índios. Não há um trabalho de campo. Se os índios já contactados sentem dificuldades para sobreviver, imagine os povos isolados da região do Javari?"

Para Antônio Carlos, os desastres esperados com a descoberta do poço petrolífero de Urucu não são comparáveis aos que ocorrerão em 1988 com a construção da hidrelétrica do Xingu: "A questão é muito complexa. Enquanto procuram petróleo na região do Javari, inundam o Vale do Xingu. A construção dessa hidrelétrica vai prejudicar cinco aldeias e causar sérios danos ecológicos."

O representante do Cimi, o indigenista Pedro Dércio Zilles, também faz denúncias: "A Campanha do Javari é apenas uma das armas nessa luta complexa que envolve o índio brasileiro vulnerável ao domínio branco em todo o País. Os interesses econômicos são problemas quase imbatíveis. O que nos dá forças para atuarmos em nossas campanhas é o apoio do Exterior. Incrivelmente, os países que emprestam dinheiro ao Brasil cobram nos uma postura mais firme em relação aos nossos índios. O Banco Mundial, por exemplo, tem sido nosso aliado." Sobre as propostas da Campanha do Javari e suas repercussões a nível nacional, Pedro Dércio afirma: "Vamos levar aos nossos representantes na Constituinte as propostas discutidas na Campanha e lutar pela demarcação imediata das terras indígenas do Vale."



Mulher Tsohom Djapa tecendo na rede (Javari)

A Constituinte é das mulheres

POLÍTICA

"Hoje é nosso dia." Foi com este "grito de guerra" que as mulheres tomaram o plenário do Congresso Constituinte no dia 26 de março, data escolhida para a entrega

da "Carta das Mulheres" aos parlamentares. Este documento foi preparado pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), com base numa discussão realizada no ano pas-

sado, em Brasília, por mais de 2 mil mulheres. Recentemente, o CNDM divulgou sua segunda versão da carta adequada ao texto Constitucional na forma de dispositivos.

A manifestação no Congresso começou às 16h, quando um grupo de oitocentas mulheres empunhando cartazes chegou à Câmara à espera do deputado Ulysses Guimarães, presidente da Constituinte, que chegou atrasado para a cerimônia. A espera, que irritou as manifestantes, foi "só" de duas horas, porque as deputadas Benedita da Silva (PT-RJ) e Moema São Thiago (PDT-CE) retiraram Ulysses de uma reunião com lideranças partidárias para o ato de entrega.

Na sequência, as mulheres que ocupavam as galerias e plenário impediram que os trabalhos continuassem. Diante da pressão, Arnaldo Farias de Sá (PTB-SP), presidente da Sessão, deixou seu lugar para Cristina Tavares (PMDB-PE), ficando as deputadas Abigail Feitosa (PMDB-BA), Irma Passoni (PT-SP), Rose de Freitas (PMDB-ES) e Wilma Maia (PDS-RN) na secretaria dos Trabalhos. Entre as parlamentares que ocuparam a tribuna, Beth Azize (PSB-AM) foi uma das mais aplaudidas, ao enfatizar que "mais da metade da Constituinte deveria ser composta por mulheres, pois elas representam mais de 50% da população brasileira". As 18h as mulheres deixaram o plenário e galerias do Congresso, cantando o hino nacional de mãos dadas, e tudo voltou ao que era antes.



Luís Marquet/Ag. Fôhua

Numa solenidade alegre e tumultuada, Ulysses Guimarães recebeu a Carta das Mulheres

Comissões definidas, começam os debates

Todas as nove Comissões da Constituinte já estão definidas, segundo o cacife político de cada partido. Nenhuma mulher foi indicada para os cargos de presidente e relator, ficando de fora também da Comissão de Organização dos Poderes e Sistema de Governo, responsável pela discussão de temas cruciais para o País, como a duração do mandato do presidente José Sarney e a definição do sistema político a ser adotado: parlamentarismo ou presidencialismo.

As mulheres devem privilegiar a Comissão de Soberania e Direitos, pois é através dela que podem garantir a isonomia e fixar mudanças posteriores nas leis ordinárias. Porém, a maior concentração feminina desta Constituinte está na Comissão de Sistema Tributário, Orçamento e Finanças, responsável pela defesa dos contribuintes

das garras do leão do Imposto de Renda, estatização dos bancos que voltaram a ter lucros fabulosos e a divisão tributária para os municípios, vítimas do governo federal que fica com a maior parte das arrecadações.

Fora dos postos-chave das Comissões, as 25 deputadas não tiveram melhores chances nas 24 Subcomissões. Apenas Cristina Tavares (PMDB-PE) foi eleita relatora da Subcomissão de Ciência e Tecnologia, e defenderá a criação de um Conselho Nacional de Comunicações, encarregado de aprovar concessões e analisar as programações, obrigando as redes nacionais a abrir espaço para os programas regionais. Para ela, as TVs educativas e a exploração de satélites devem continuar nas mãos do Estado. Com essas medidas, Cristina Tavares espera que os meios de comunicação sejam democratizados no País e cesse o abuso do poder da informação.

COMISSÕES	DEPUTADAS
Soberania e Direitos e Garantias do Homem e da Mulher	Anna Maria Rattes (PMDB-RJ) Dirce (Tutu) Quadros (PTB-SP) Lucia Braga (PFL-PB)
Organização do Estado	Marluce Pinto (PTB-RR)
Organização dos Poderes e Sistema de Governo	Beth Azize (PSB-AM) Irma Passoni (PT-SP)
Organização Eleitoral, Partidária e Garantia das Instituições	Lúcia Vânia (PMDB-GO) Myriam Portela (PMDB-PI) Raquel Cândido (PMDB-RO) Raquel Capiberibe (PMDB-AP) Rose de Freitas (PMDB-ES)
Ordem Social	Sadie Hauacho (PDS-AM) Lídica da Matta (PC do B-BA) Moema São Thiago (PDT-CE)
Família, Educação, Cultura e Esporte, Comunicação, Ciência e Tecnologia	Benedita da Silva (PT-RJ) Cristina Tavares (PMDB-PE) Eunice Michelles (PFL-AM) Mária de Lourdes Abadia (PFL-DF) Márcia Kubitschek (PMDB-DF) Mária Lúcia Araújo (PMDB-AC) Rita Camata (PMDB-ES) Rita Furtado (PFL-RO) Wilma Maia (PDS-RN)
Sistematização	Abigail Feitosa (PMDB-BA) Sandra Cavalcante (PFL-RJ)

DOSSIÊ:

ARMA CONTRA A IMPUNIDADE

O dossiê, ao contrário da lei, não prevê nenhum crime, por isso é um instrumento de denúncia importante, como prova o ousado projeto "Brasil Nunca Mais", que registrou 1.843 casos de tortura e morte não apurados, acontecidos durante o regime militar, apontando 17.420 nomes, entre torturadores, indiciados e testemunhas.

No caso da violência contra as mulheres, as iniciativas no setor ainda são tímidas. A mais efetiva surgiu no Rio de Janeiro em 85. Trata-se do "Dossiê da Impunidade", organizado pelo SOS-Mulher/RJ, que reúne dezesseis casos de mulheres assassinadas e não justicadas no Rio de Janeiro. Quase dois anos se passaram e a situação continua a mesma. O caso Elisabete de Araújo Bezerra, encontrada morta

Mais uma arma vem sendo utilizada contra a impunidade: os dossiês, que desempenham a função de memória social dos crimes contra mulheres, sem punição para os culpados. A esta triste coleção se soma mais um caso: Elisabete de Araújo Bezerra.

em abril último, no apartamento do mecânico Marcelo Tavares Correia de Aquino, na zona Sul do Rio, prova isto. O corpo da estudante de apenas 13 anos apresentava sinais de violência sexual e a causa mortis foi asfixia por ingestão de uma overdose de cocaína.

Agora, seguindo a trilha batida da impunidade, o caso Elisabete recebe o golpe fatal da Promotoria Pública, que resolveu descaracterizar a violência se-

xual, indiciando o mecânico Marcelo de Aquino apenas por induzir a menor ao uso de tóxico. Ao que tudo indica, quando a polícia consegue ser competente no inquérito, a justiça sai em socorro dos assassinos. Marcelo ficará preso somente porque a Lei de Entorpecentes é rígida, sendo que o modelo fotográfico Igor Rangel, apontado inicialmente como co-autor do crime, passou à cômoda posição de testemunha.

Dossiê para Mônica

Outro dossiê elaborado no Rio de Janeiro foi o de Mônica Granuzzo Pereira Lopes, assassinada em junho de 85. Seu pai, Nilson Pereira Lopes, diante das irregularidades que cercaram o inquérito da filha, resolveu fazer um dossiê contando as falhas do processo. O principal acusado da morte de Mônica, Ricardo Peixoto - liberado recentemente por um controvertido habeas corpus - foi beneficiado também pela omissão no recolhimento de provas, um eficiente sistema de ameaças contra testemunhas, laudos técnicos imprecisos e conduta irregular das autoridades policiais e judiciárias. "Está tudo registrado no dossiê", enfatiza Nilson, "que foi entregue ao ministro da Justiça, Paulo Brossard, que até hoje não tomou qualquer medida".

Paralelamente ao "Dossiê Mônica", Nilson começou a elaborar um outro. "Eu recebo dezenas de cartas e telefonemas de pais de vítimas que não sabem a quem recorrer em busca de justiça, pois são crimes que não saem na imprensa". Porém, esse trabalho que vinha sendo tocado com a ajuda da Assembleia Permanente em Defesa da Vida foi interrompido por causa de uma passeata, realizada no ano passado no centro do Rio e dissolvida com violência. "A partir daquele momento", conta Nilson, "as pessoas se decepcionaram e desistiram do projeto".

Hoje, Nilson Lopes Pereira está preocupado em organizar a Associação das Famílias das Vítimas. "Todo dia muitas jovens são estupradas e assassinadas nas periferias das grandes cidades e as famílias, na maioria das vezes, não têm condições de acompanhar os processos que se arrastam por anos. Com a associação, pretendemos dar assistência social, psicológica e judicial aos parentes das vítimas, na tentativa de resistir ao cerco da impunidade".

A observação de Nilson é pertinente. Só no Rio de Janeiro, durante o mês de abril se tornaram públicos mais quatro casos de estupros. A primeira vítima, a menor C.K.S.O., de 16 anos, foi abordada em um ônibus da linha Meier - Dendê, quando ia para a escola, por um homem armado que a obrigou a ir até a Praia da Bica. Depois de violentá-la, ele vem lhe fazendo ameaças de morte. Registrado o ocorrido na Delegacia da Mulher, não foi dada qualquer garantia de vida à menor. Segundo Nilson, a delegacia carioca funciona muito precariamente, sem pessoal e infra-estrutura.

Os demais casos de estupro registrados no Rio envolveram Cássia Doraccio de Oliveira, 19, sequestrada e estuprada pelos policiais militares Moisés Souza da Silva e Newton Teixeira num terreno baldio da Zona Sul. O segundo caso é o de Jucenira Campos Barreto, 27, violentada na Zona Norte da "Cidade Maravilhosa" e o último teve como vítima uma menor de 7 anos, estuprada também na Zona Norte, Jardim Catarina, repetindo, em parte, o caso Ana Lídia, da mesma idade, violentada e morta em Brasília, em 73.

Uma medida polêmica contra a impunidade está sendo proposta pela Subcomissão dos Direitos Políticos, que faz parte da Comissão da Soberania e Direitos do Homem da Constituinte, através da limitação da concessão do habeas corpus para determinados crimes, como o assassinato de mulheres. Segundo o presidente da Subcomissão, deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE), "A segurança é um direito coletivo que precisa ser assegurado sem as ilusórias soluções da pena de morte". (S.S.)

	Atentado Violento				Const. Ilegal		
	Lesão Corporal	Ameaça	Estupro	Rapto			
S. Paulo/SP (Delegacia do Centro) Jan/85 - Ago/85	1238	1418	89	01	32	50	13
Curitiba/PR Dez/85 - Ago/85	1643	337	47	-	09	46	-
Belo Horizonte/MG Dez/85 - Ago/85	1170	615	171	52	20	269	-
Campo Grande/MS Dez/85 - Ago/85	444	99	15	-	03	05	-
Porto Velho/RO Dez/85 - Ago/85	174	132	24	-	03	09	-

Fonte: Relatório do I Encontro Nacional de Delegadas Lotadas em Delegacias de Defesa da Mulher.

18
MULHERIO
MAI/JUN 87

Nas estatísticas, os números oficiais da violência

PROMOCÃO

MULHERIO
Um Especializado da Cultura Sobre Mulheres
ASSINE MULHERIO - DÊ MULHERIO DE PRESENTE

Na compra de duas ou mais assinaturas
você receberá um livro de presente:

VIVÊNCIA
História, Sexualidade e Imagens Femininas
Fundação Carlos Chagas Organização - Maria Cristina A. Bruschini - Fúlvie Rosenberg
Editora Brasiliense - 288 pg. - 1980

Mulher Brasileira
Trabalho, Direito, Educação, Arte e Meios de Comunicação
Bibliografia Anotada - Vol. II
Fundação Carlos Chagas
Editora Brasiliense - 395 pg. - 1981

Para ENVIAR:
Indique o livro desejado:
Nome _____
End. _____
Cap. _____ Cidade _____ Est. _____

R. Cunha Gago, 704 CEP 05421 São Paulo - SP

ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo: _____
Endereço: _____
Cap: _____ Cidade _____ Est. _____
Data Nascimento _____ Sexo _____ DDD: _____ Telefone: _____
Profissão: _____

Envie cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura anual correspondente a 6 n.ºs do jornal.
C\$ 100,00 Exterior Via Aérea US\$ 24

ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo: _____
Endereço: _____
Cap: _____ Cidade _____ Est. _____
Data Nascimento _____ Sexo _____ DDD: _____ Telefone: _____
Profissão: _____

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura anual correspondente a 6 n.ºs do jornal.
C\$ 100,00 Exterior Via Aérea US\$ 24

MULHER NÃO ENTRA

AINDA

ROSALI FIGUEIREDO
jornalista

Maurão é um velho e conhecido criador de casos nos campos de futebol profissional de São Paulo. Quem conta é Flávio Prado, editor de esportes do Jornal da Record, na rede do mesmo nome. Maurão começou um bate-boca e empurra-empurra com a repórter Denise Breuer e seu operador de VT, quando eles tentaram entrar no vestiário onde os jogadores da Ponte Preta tomavam banho, após um jogo com a Portuguesa de Desportos, em março último.

Este episódio demonstra, no mínimo, a luta que as mulheres vêm travando para ocupar um espaço tradicionalmente reservado aos homens: a cobertura jornalística do futebol profissional. A repórter Denise Breuer tem como opção e norma não entrar nos vestiários dos jogadores após as partidas, como fazem seus colegas de rádio, TV, revistas e jornais. Mas é ali que acontece o tradicional e informal papo, enquanto o jogador tira a roupa e toma banho e onde ele revive a partida. Demonstra frustrações, mágoas, broncas com compenheiros, dirigentes e técnico ou alegria pela vitória.

Denise costuma esperar do lado de fora dos vestiários que o técnico de VT retorne com os jogadores para uma entrevista. Ela confessa que passa por um verdadeiro conflito: enquanto a função de repórter de TV a obriga a entrar nos vestiários, para captar o material rapidamente e enviá-lo para a edição, o próprio constrangimento acaba impedindo-a. "Eu não me sinto à vontade". Em meio à justificativa de que também "respeita os jogadores", Denise reconhece: "Sei que sempre surge algum comentário e eu prefiro me poupar". Com apenas três meses de cobertura de futebol, a repórter acredita que o conflito é até normal. Admite que com o tempo deverá mudar seu comportamento "cômodo". No momento, porém, Denise chega a sugerir que os editores escalem no lugar da repórter, um homem para cobrir os jogos onde haja necessidade de rapidez. A tarefa da repórter não é fácil, pois quando vence o conflito interno, surgem os desafios externos, impelindo-a a retroceder. E o caso do segundo fato ocorrido na noite dos atritos envolvendo a repórter da TV Record. Quando Denise Breuer resolveu superar o constrangimento e conversar com o jogador Hélio no próprio vestiário depois do jogo Ponte Preta x Portuguesa, surgiu o fato mais discriminador. Microfone em punho, um colega de rádio aproximou-se da Denise e do jogador Hélio e, ironicamente, perguntou: "Você não fica constrangida de ficar perto de tanto homem pela-do?"

Bola para Frente

A presença feminina na cobertura de futebol em São Paulo é fato recen-

A máxima de que "futebol é coisa para homem" ainda predomina e atinge atividades extrajogos, como a cobertura jornalística. Mas a presença feminina na área, hoje, força a uma revisão das regras do jogo, apesar de ainda esbarrar em muita ironia e preconceito.



No tempo, as mulheres são toleradas, mas nos vestiários...

te. Vem de dois e, particularmente, do último ano. Atualmente, de oito a dez mulheres trabalham em revistas, televisão e no rádio, apenas uma em Itanhaém, Litoral Paulista. "Há um ano não havia mulheres", conta Flávio Prado, ressaltando, porém, que o preconceito era recíproco. "A medida em que elas começaram a batalhar o próprio espaço, a coisa começou a caminhar para o profissionalismo".

Também a repórter esportiva da TV Gazeta de São Paulo, Regiani Ritter, acredita que hoje, comparando-se dois anos, já existe profissionalismo e presença maior da mulher no futebol. "Mas é o começo de uma conquista, onde estamos apenas engatinhando".

Não faltam atritos como os verificados pela repórter da TV Record, além de inúmeros outros casos de desrespeito e desafios. "E falta, por outro lado", diz Regiani, "conquistar ainda alguns espaços, como o fechadíssimo rádio". Mesmo para uma profissional como ela, considerada no meio jornalístico esportivo de São Paulo, pois foi, senão a pioneira, a primeira a enfrentar com persistência a cobertura dos vestiários masculinos e a fazer escola.

Se Regiani, que atualmente também participa de mesas-redondas como comentarista, consegue "convencer ao público em geral", o mesmo não ocorre com relação "a algumas chefias". É o caso do rádio, onde, acredita, ainda hoje, dificilmente conseguiria obter credibilidade dos colegas profissionais para atuar como re-

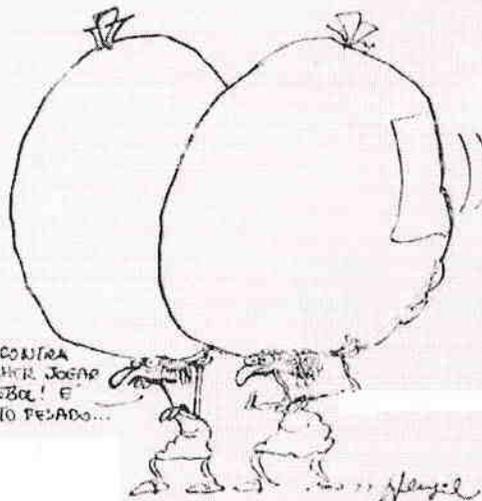
pórter de campo. Repetindo, aliás, a mesma situação que enfrentou em final de 84 e meados de 85 na Rádio Gazeta, de São Paulo, quando comandava o programa "A Parada do Craque", dando as músicas preferidas e o perfil dos jogadores. Um trabalho de estúdio, onde se discutia de tudo, menos futebol. "O editor-chefe não confiava na mulher para fazer o mesmo que o homem faz, como as entrevistas embaixo do chuveiro, por exemplo", diz.

Regiani Ritter acredita que hoje, passados dois anos, ele continuaria a não confiar. "Mas por que as mulheres servem para trabalhar na produção e não no campo de futebol? O campo é o orgasmo e não deixar a gente chegar lá é roubar o direito ao prazer".

Brincadeiras para Desanuviar

Quando Regiani Ritter começou a trabalhar diretamente com o futebol deparou-se com o conflito dos vestiários. "Nos três primeiros meses", afirma a repórter, "esperava o jogador cobrir-se com a toalha. Mas perdia muita matéria e fui obrigada a mudar de atitude". O estímulo partiu do técnico Cilinho, então no São Paulo: "Todos te veem como profissional". Mesmo assim, Regiani diz que teve de vencer o próprio preconceito e o dos jogadores: "Havia brincadeiras para desanuviar, mas era um tal de jogador botando a mão na frente, atrás e correndo para pegar a toalha. A fase já passou. Atualmente são poucos os profissionais que ficam sem jeito".

Mas há repórteres que reclamam de preconceito e desrespeito de alguns jogadores e até dirigentes. Na verdade, um tratamento ambíguo, segundo relatam Betize Assunção, da revista "Placar", e Denise Breuer, da Record, são atitudes que variam da cantada e desafios do tipo "prova que entende de futebol" a uma relação de maior abertura dos problemas pessoais do atleta. "Acho que eles esperam que você seja menos agressiva", artifica Betize Assunção. Para a repórter Regiani Ritter, a postura do jogador de futebol com relação ao trabalho da repórter depende muito dela mesma: "A mulher tem de ter mais atrevidimento e audácia para chegar e se impor a tem de ter o cuidado de não cometer erros que os homens cometeriam".



SOU CONTRA MULHER JOGAR FUTEBOL! É MUITO PESADO...

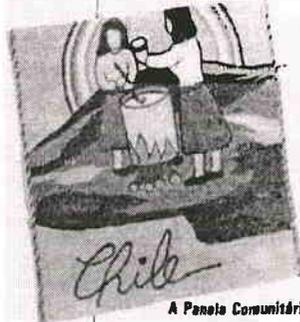
Solidariedade e Resistência

Em abril, o grupo de mulheres brasileiras que participou da organização do 8 de Março no Chile, se reuniu na Câmara Municipal de São Paulo num ato de solidariedade ao povo subjogado pela ditadura de Augusto Pinochet. Entre elas, a vereadora Teresa Lajolo (PT) que analisa a mobilização das mulheres chilenas como um movimento amplo de resistência aos processos de degradação das instituições e exploração econômica.

Para Lajolo, as formas de resistência encontradas pelas mulheres do Chile são importantes. "É o caso da 'Painel Comunitária', preparada e servida a empregados e subempregados, sendo que para muitos deles é a única refeição do dia", diz. No entanto, esta Painel nada tem em comum com as chamadas obras beneméritas. Trata-se de solidariedade entre iguais.

A resistência também é realizada em

outros campos. No político, além dos núcleos de discussão, 38 mulheres se reuniram recentemente para uma manifestação: se acorrentaram às grades do congresso chileno, chamando a atenção para a greve de fome de mais de quatrocentos presos, iniciada em fevereiro, que reivindicam o reconhecimento da condição de preso político e anulação das confissões realizadas sob tortura. Na área cultural há grupos de mulheres que fazem murais políticos, como no bairro de La Victoria, e artesanato, que são comercializados para arrecadar fundos para a ação comunitária.

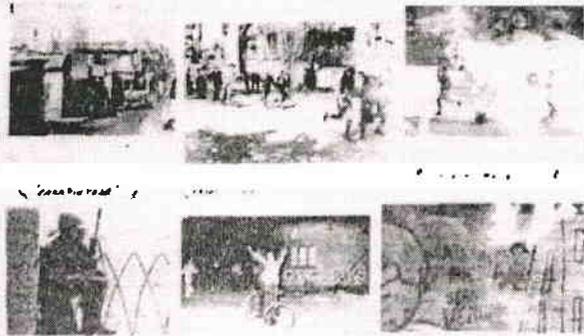


A Painel Comunitária: um símbolo de resistência.

Na Câmara, após das mulheres brasileiras à sauda do povo chileno



20
MULHERES
MAI/JUN 87



Nas fotos, a guerra entre o povo e o exército de Pinochet

Resultados do I Vídeo

O I Vídeo Mulher, realizado de 20 a 22 de março no Teatro Nacional de Brasília, trouxe resultados muito positivos. Em primeiro lugar, a certeza de que a produção feminina atinge níveis satisfatórios, tanto em qualidade como em quantidade, o que tornou possível a realização do próprio festival. Ficou comprovado também que as mulheres não se deixam intimidar

pelos obstáculos de ordem técnica e nem pelo preconceito que envolve sua atuação na área.

É certo que, por estarem apenas começando a se inserir mais efetivamente neste campo, há muito a ser considerado em termos de linguagem: em muitos trabalhos predominou o discurso pesado, a obviedade de imagens e o tom de comício. Mas o júri, composto por Irene Raveche, Regina Festa, Alcione Araújo, Maria Valéria Pena e Luiz Fernando Santoro, soube distinguir com justiça as produções mais criativas.

Dentre os 69 inscritos que abordaram a problemática de diversos grupos de mulheres - prostitutas, trabalhadoras rurais, feministas etc. - destacaram-se, em VHS, A Saúde da Mulher Trabalhadora, de Jacira Melo e Silvana Afran, Mulher sem Edição, de Irene Gentile e Lia Mara, e As Sibilas, de Rita Moreira, que receberam Cz\$ 10 mil. As Cineastas, na mesma bitola, da inglesa Victoria Birkin, ganhou o grande prêmio da categoria, de Cz\$ 20 mil.

O grande prêmio em U Matic ficou para Ana Maria Magalhães, por Já que Ninguém me Tira para Dançar, sobre a atriz Leila Diniz. Os outros premiados foram: Mãe Terra, de Lúcia Umbelino e da TV Viva, do Recife, Uma Menina em Dez, da Fundação Carlos Chagas (SP) e Ana C. de Cláudia Maradei, contemplados com Cz\$ 10 mil cada.

O vídeo Mulheres do Canavial, do Conselho Estadual da Condição Feminina e da produtora Olhar Eletrônico, foi o ganhador do prêmio especial da categoria U Matic, mostrando a realidade da trabalhadora rural e sua relação com o trabalho, a família, seu corpo e a reforma agrária. O segundo lugar ficou para outra produção de dupla, Mulheres Negras, que trouxe para a tela toda a violência do racismo através de depoimentos.

As Dez Mulheres do Ano

O Conselho Nacional de Mulheres do Brasil realizou em 30 de abril, Dia Nacional da Mulher, uma reunião no auditório da Academia Brasileira de Letras, com a finalidade de homenagear as "Dez Mulheres do Ano de 1986", que se destacaram pelo trabalho na integração da mulher no processo de desenvolvimento político, econômico e social do País.

As homenageadas foram: Aida Marco Antonio, na área do Trabalho; Belisário Ribeiro, Meios de Comunicação; Ester Kosovski, Direito; Jane Souto de Oliveira, Economia; Leda Boechat Rodrigues, História; Maria Beatriz do Nascimento, Movimento de Mulheres Negras; Maria de Lourdes Abadia, Política; Maria Victória Benevides, Ciência Política; Mariska Ribeiro, Planejamento Familiar; e Marlene Fernandes, Desenvolvimento Urbano. Jacqueline Pitanguy, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, foi a homenageada especial.

O Lado Feminino de Gramado

O Coletivo de Mulheres de Cinema e Vídeo do Rio de Janeiro realizou nos dias 29 e 30 de abril e 1.º de maio o "2.º Seminário Cinema-Mulher" dentro do Festival de Gramado (RS), o mais importante do cinema brasileiro, que teve lugar na semana de 27 de abril a 2 de maio nessa pequena cidade gaúcha. As mesas, compostas principalmente de cineastas cariocas e paulistas, discutiram "O documentário e a

ficção na cinematografia feminina", com a participação de Vera Freire, Inês Villares, Sandra Werneck, Tetê Moraes, Ana Carolina e Tereza Trautman; "O uso do vídeo e do filme no movimento de mulheres", com Cristina Xavier, Edyala Iglesias, Hilda Machado, Eunice Gutman, Maria Angélica Lemos, Maria Aparecida Schumacher e Inês Castilho; e "A mulher e a arte de representar", com as atrizes Joana Fomm, Louise Cardoso, Irene Raveche, Irene Stefânia, Lucélia Santos e Bete Mendes. O Seminário retoma alguns temas discutidos no "I Vídeo Mulher", realizado pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher em março em Brasília, e os debates do seminário do Festival de Gramado do ano passado, que contou com a participação de cineastas e distribuidoras do Canadá, Holanda, México, Colômbia e Argentina, além de mulheres de cinema e vídeo do Rio, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

É Hora de Participar

A Rede Mulher é um dos grupos que integram o Plenário Pró-Participação Popular na Constituinte, que surgiu em todo o País em 85 defendendo a ideia da Assembleia Constituinte não congressual, que acabou não vingando. Como diz o jurista e líder moral do movimento, Goffredo da Silva Telles, "o povo não deve se iludir, pois não houve convocação de uma Assembleia Constituinte, mas simplesmente incumbiu-se o Congresso Nacional de elaborar a nova Constituição".

Mas, como para quase tudo tem remédio, o Plenário se articulou em torno de outra proposta: a participação popular na elaboração da Constituinte. Esta proposta foi acatada pelos parlamentares e deve ser o grande instrumento dos movimentos populares. Ela funciona de maneira simples: qualquer projeto que seja apoiado por três entidades legais e referendadas por 30 mil assinaturas pode ser apresentado à Comissão de Sistematização da Constituinte. O Plenário Pró-Participação defende como principal reivindicação: instrumentos de participação popular que tenham poder legal para intervir no Legislativo e Executivo, impedindo que todo dirigente ganhe, junto com o mandato, carta branca para fazer o que quiser.

Essa proposta é endossada pela Rede Mulher e por todas as entidades democráticas do Brasil. Porém, além dela, a Rede Mulher alerta para a necessidade de cada cidadã apoiar outras duas propostas que defendam os direitos da mulher. Como o Plenário possui em todo o País os chamados "plenários" (grupos de estudos), procure se informar sobre o mais próximo, leve sua ideia e questione as demais. Para facilitar, a Rede Mulher lançou um manifesto que resume as principais reivindicações femininas na área do trabalho, educação, saúde, terra, família, seguridade e meios de comunicação. Informações pelo telefone (011) 262-9407.

LIVRO

Brasil Colonial com o Diabo no Corpo

O Diabo e a Terra de Santa Cruz -
Feiticaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial
Laura de Mello e Souza
São Paulo, Companhia das Letras, 1986

LENIRA MARQUES COVIZZI

Dizer que este livro - originalmente tese universitária - possibilita mais de uma leitura, é paradoxo aparente. Ao fazer um estudo sobre a religiosidade popular na colônia portuguesa, batizada evangelicamente Terra de Santa Cruz, a obra resalta o papel missionário da conversão de almas - que também marca o sentimento religioso angustiado do final da Idade Média e inícios da Moderna - e o interesse pela conquista de novas terras a colonizar e explorar, que acula o poder temporal das monarquias europeias seduzidas por eventuais riquezas.

Esta constatação, que deflegra a formação social da colônia - com rápida alteração do nome para Brasil, em batismo econômico - impõe sua complexidade: balança desde o início entre o louvor edênico da natureza e o predomínio do demoníaco com que é detratada sua população. Ou seja: o lugar passa a ser encarado pelo descobridor europeu como purgatório possível, local selvagem e tentador em que se dissemina o diabólico marcado pelos vícios da carne: o incesto (poligamia, concubinato), a nudez, preguiça, canibalismo. Enfim, o paganismo.

O cenário é montado com minudência arqueológica, pela visão do destino ríco e impiedoso do espaço dividido: entre a imposição europeia do processo colonizador - religiosamente representado por Deus - e o seu ajustamento a um novo mundo em que a presença do índio e do negro fazem resultar diferenças com essa matriz, através do sincretismo religioso, tolerado e até mesmo alimentado enquanto controle social e ideológico. Apesar de sua condenação e horror pela cultura das elites, (1) a escravidão fica justificada, (2) a sobrevivência nesse paraíso possível é tolerada, (3) a dura iniquidade do processo econômico explorador homologa as violências da inquisição.

E a trigacomédia, segunda parte do livro, movimenta o cenário: pela descrição da feiticaria, práticas mágicas e vida cotidiana, no tratamento etnográfico de uma população às voltas com a sobrevivência material, enfrentando os conflitos deflagrados e preservando a sua afetividade através do apelo dominante para o sobrenatural.

As projeções imaginárias e vivências concretas neste universo cultural são o material em que a estudiosa se apóia para a interpretação e alternativas de análise que aponta. Através de fontes primárias como o registro de réus de-

poentes - reunidos no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana; Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Belo Horizonte; Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa - temos nova visão histórica do Brasil colonial, vinda de sujeitos de "camadas socialmente desclassificadas", caso dos bandidos, garimpeiros, prostitutas e feiteiras (os), encontrados entre índios, brancos, negros - que em suas misturas são o Brasil -, embricados à "articulação dos aparelhos de poder".

Utilizando método de corrente historiográfica em discussão (História das Mentalidades e do Imaginário) que se ocupa dos sentimentos, atitudes, idéias, perspectivas e expectativas no concreto e imaginário cotidiano do homem comum, Laura de Mello e Souza enriquece a história oficial da época ao tirar do silêncio uma faixa importante de seus personagens: a camada popular de desclassificados sociais. O que faz uma história mais plástica, sonora, viva enfim, de vidas vividas.

A documentação de que se vale a autora em análises envolventes - além da bibliografia erudita já clássica e/ou contemporânea, brasileira e europeia, que o leitor não especialista pode descartar - passa a ser de utilização obrigatória para estudos que virão esclarecer o período estudado e a continuidade do processo formador da cultura brasileira; por exemplo, o da condição da mulher no período colonial. Em três listas (p. 191/193) baseadas em Autos da Fé especificados, sabemos de quatorze feiteiras parentas de navegadores ultramarinos, entre 1594 e 1752; de vinte mulheres e onze homens (feiteiros), degredados para o Brasil no período 1573/1716; assim como de seis beatas, entre 1647 e 1709.

Analisar o material desta escavação e continuar estudos sobre o papel da mulher na formação social do Brasil deverão apontar novas saídas para diminuir compreendendo a alta tensão contemporânea dos conflitos interpersonais, intrapessoais e sócio-culturais de estrutura familiar paternalista.

Lenira Marques Covizzi, pesquisadora de material inédito do Acervo

Guimarães Rosa no IEB-USP, é doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada e autora de O Insólito em Guimarães Rosa e Borges. (Ática, 1978).

Dicionário de escritoras

Nelly Novaes Coelho, professora titular de Literatura da Universidade de São Paulo, está orientando o levantamento de dados sobre as escritoras brasileiras de todos os tempos, que serão reunidos no Dicionário de Escritoras Brasileiras, com publicação prevista para 88. Poetas, ficcionistas e dramaturgas com livro publicado ou peça encenada ou publicada que quiserem participar da referida obra, podem mandar seus dados biográficos, bibliografia completa (com datas de publicação e editora) e crítica publicada a respeito, diretamente para a organizadora: na Rua dos Franceses, 498, apto. 81, CEP 01329 - São Paulo, SP.

AGENDA

• De 3 a 8 de setembro, em Garanhuns, interior de Pernambuco, acontecerá o "IX Encontro Nacional Feminista". A partir de contatos com participantes dos encontros anteriores, a Comissão Organizadora pretende implantar algumas mudanças e pede que os grupos de mulheres de cada Estado se articulem para enviar sugestões e relação de participantes. Dentre as novidades para este ano estão as oficinas de vivência, que não mais coincidirão com as discussões e serão orientadas por uma metodologia específica e avaliadas através de relatório escrito. Um dia inteiro será dedicado ao tema Mulher, abrangendo diferentes aspectos: educação, saúde, trabalho, percepção corporal, sexualidade e relações familiares. E haverá espaços para reflexão sobre o movimento feminista, sua realidade e perspectivas. O endereço provisório da Comissão Organizadora é Rua do Hospício, 859, 4.º andar, 50050, Boa Vista, Recife, PE.

• A propósito da comemoração dos seus 150 anos, o Mount Holyoke College, em Massachusetts, EUA, está organizando uma conferência internacional sobre a educação da mulher, em novembro, cujos resultados serão reunidos num volume a ser publicado pela instituição. Esta fundação tem a tradição de se dedicar à educação feminina e, neste momento, como preparação para a conferência, empreende um estudo a nível mundial do acesso e continuidade da educação formal e informal para a mulher, identificar os obstáculos e as oportunidades que afetam sua participação no processo educativo. Para desenvolver esse estudo e colher subsídios para a conferência, Jill Ker Conway - ex-presidente do Smith College (Massachusetts) e professora do Massachusetts Institute of Technology (MIT) - e Eliana Ortega, do Mount Holyoke, estão visitando o México, Peru e Chile. No Brasil, Jill Ker Conway esteve, em abril, na Fundação Carlos Chagas, e visitou outras instituições e grupos feministas.



21
MULHERES
MAI/JUN 87

• A editora venezuelana Nueva Sociedad, responsável pela publicação da revista homônima, convida para o seu "II Certamen Latinoamericano de Ensayo Político", sobre o tema "Ser Mujer en América Latina". Os participantes poderão abordar aspectos específicos em países ou regiões, experiências pessoais ou estudos científicos e também tópicos gerais sobre a situação política, econômica, social, cultural e jurídica da mulher.

Poderão concorrer homens e mulheres latino-americanos, pessoas que já viveram na América Latina ou que tenham trabalhado anteriormente com o assunto. Os ensaios devem ser inéditos, em espanhol, com extensão entre 12 e 18 páginas datilografadas em espaço dois, apresentados em quatro vias, com resumo de 15 linhas e bibliografia. Os trabalhos podem ser enviados até 30 de setembro. Para mais informações escreva para Nueva Sociedad, Apartado Postal 61.712, Chacao, Caracas, 1060-A Venezuela.

Revistas Femininas

Com modelitos e sem Feminismo

No meio da extensa programação da "Epopéia Editorial - Uma História de Informação e Cultura", que comemorou no mês de abril os quarenta anos do Museu da Arte de São Paulo (Masp), aconteceu o debate "Jornalismo Feminino e Feminismo", do qual participaram as editoras das revistas femininas da Abril. A tro-

ca que um jornal paulista fez do título para "Jornalismo Feminino x Feminismo" veio a calhar, pois a polêmica girou em torno deste confronto. Outra constatação: o estudo de Cynthia Sarti e Maria Quartim de Moraes, *Aí e Poreá Torce o Rabo*, sobre as revistas femininas, publicado em 1980, continua atualizadíssimo.

Segundo a análise da psicóloga Marta Suplicy, também integrante da mesa, pouca coisa mudou para a mulher, houve apenas um processo acelerado de modernização que modificou atitudes a nível comportamental, mas não a nível do inconsciente. "Isso se refletiu nas revistas femininas", garante ela, "pois *Cláudia*, por exemplo,

que antigamente ensinava a fazer torta para segurar o marido, propõe à leitora ser a própria torta". Para Marta, a mulher que tinha de ser uma ótima dona de casa, com a revolução sexual, teve também de ter um ótimo desempenho na cama. E com a abertura do mercado de trabalho, precisou se mostrar uma eficiente profissional. Conclusão: "Tornou-se o modelito da mulher maravilha que a revista *Nova* propõe: dona de casa, 'trepadeira', executiva e cansada".

Fátima Ali, editora da *Nova*, não aceitou a pecha de que sua revista vende modelitos: "Não incentivamos a mulher maravilha, apenas damos informações para que a partir delas, as

leitoras possam ampliar seu mundo". Mas Fátima Ali não explicou as "mulheres maravilha" que povoam as capas de *Nova*, já detectadas pelo trabalho de Sarti/Moraes: "é sedutora, de olhar penetrante, cabelos esvoaçantes e longos decotes que deixam entrever os seios... objeto sexual assumido, a imagem de mulher mais próxima da existente nas revistas masculinas".

Mais realista, Maria Cristina Duarte, editora de *Cláudia*, assume que a revista impõe modelitos: "A gente tende a criá-los e cai numa armadilha, já que se você define que não fala para mulher sem faculdade e que não tem orgasmo, você acaba se dirigindo a um público muito restrito". É um pouco o dilema apontado por Sarti/Moraes: "As revistas femininas têm de dar respostas às inúmeras dúvidas e angústias que atormentam a vida das mulheres de hoje (...) são limitadas por uma perspectiva conciliadora em relação aos valores socialmente dominantes, mas obrigadas a levar em conta - ou a tomar como ponto de partida - o nível de expectativa e aspiração de suas leitoras."

Célia Pardi, editora da *Capricho*, por sua vez, afirmou que a publicação que dirige, apesar de estar voltada para adolescentes, não faz a cabeça e não propõe modelitos. De acordo com Pardi, *Capricho* está mudando e abrindo espaço para matérias de comportamento, colocando o problema na forma de depoimentos: "Se abordarmos a gravidez na adolescência, contemos alguns casos interessantes e a leitora conclui, não ditamos regras". É a volta da tese do jornalismo imparcial que tinha sido enterrada por Pulitzer e Hearst na virada do século.

Contraditoriamente é *Cláudia*, publicação lançada na década de 50 e voltada para a mulher com mais de trinta anos, a única das revistas femininas da Abril com uma coluna sobre Feminismo. "Não possuímos uma linha editorial feminista", comentou Maria Cristina, "porém acredito que houve uma troca: o jornalismo feminino abriu espaço para o Feminismo e o Feminismo enriqueceu a revista com novas discussões". O Feminismo em *Cláudia* começou na coluna de Carmen da Silva "A Arte de Ser Mulher", atualmente chamada "Feminismo" e comandada por Rachel Gutierrez.

Já a revista *Nova*, segundo Fátima Ali, assumiu uma posição feminista sem nunca ter usado a palavra Feminismo. "O movimento sempre foi mal visto, por ser associado às mulheres anti-homens". Para Célia Pardi, falar em Feminismo em *Capricho* "soa estranho". No seu entender, igualdade não é questão de interesse das adolescentes.

A observação de Sarti/Moraes de que "homem e mulher, feitos para se unirem, vivem em mundos separados, dos quais as revistas são apenas uma forma da expressão", se deve somar a de Marta Suplicy, de que o Movimento Feminista vive atualmente o impasse causado pela manutenção da estrutura familiar, da qual o homem continua ausente. Com o resultado desta somatória, as revistas poderiam aproximar Feminino e Feminismo, sem tantas evasivas. (S.S.)

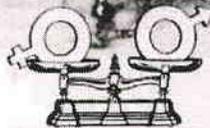
DEBATE

AS LEIS DA FAMÍLIA SÃO TÃO ATUAIS QUANTO ESTA FOTO.



A família não é mais aquela. O mundo não é mais aquele. Mas as leis que regem a família ainda são as mesmas de 1916. O marido é o "chefe" da sociedade conjugal. O pátrio poder em relação aos filhos permanece inabalado. A lei discrimina a mulher dentro de sua casa colocando-a como sócia minoritária no contrato de

casamento. Isso quando há casamento legal. Quando a família é constituída por união livre, a mulher é ainda mais discriminada. Plena igualdade de direitos e deveres entre o casal é uma questão de justiça. A nova Constituição precisa garantir, nas leis, os espaços que as mulheres já estão garantindo na vida



Conselho Nacional Dos Direitos Da Mulher

VIVA A DIFERENÇA, COM DIREITOS IGUAIS.

A visita da velha

(e sábia) senhora

ENTREVISTA

POR EDVALDO PEREIRA LIMA

Doris Lessing é uma figura serena. Para muitos, "uma pessoa bonita", de aparência quase frágil nos seus 67 anos de vida, escondendo por trás da simplicidade, a fama de ser considerada a maior escritora viva de língua inglesa. Pois nada em seu comportamento lembra uma estrela da literatura, nenhuma atitude teatral destaca seus gestos tranquilos como seu olhar.

Só quando começa a falar é que a força de Doris Lessing transparece. Mas é impossível sintetizar a riqueza dessa personalidade de muitas facetas, todas fugindo dos rótulos, das classificações. Doris Lessing já foi comunista, casou-se, separou-se, teve filhos, experimentou mescalina, viveu



na África, abandonou a escola ainda adolescente e descobriu o sufismo, corpo de conhecimento e conjunto de práticas esotéricas que servem como balizas para o despertar do outro ser humano - o consciente.

Do sufismo, essa suave mulher inglesa, nascida no Irã, não gosta de falar muito. Considera-se apenas uma estudante, trabalhando com o mestre Idries Shah, que de Londres irradia para o Ocidente os ensinamentos dessa sutil arte/ciência da evolução humana. Porém, de outras coisas ela se dispõe a falar para o jornal *Mulherio*, dentro de seu intenso programa oficial no Brasil e já de saída para a tarde de autógrafos de seu mais recente título em português: *A Terrorista*.

Mulherio - Muitos comparam *O Carnê Dourado* ao *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, em termos de importância para a discussão da emancipação feminina. Como a senhora encara esta comparação?

D. Lessing - Eu não concordo com ela. Não creio que tenha nada em comum. O feminismo não é absolutamente o tema de *O Carnê Dourado*. Quem lê o prefácio, percebe logo o que digo e entende o meu ponto de vista. E, na verdade, não gosto de *O Segundo Sexo*. Porque acho que Simone de Beauvoir não gostava de ser mulher. Isto é evidente, ela sentia-se fisicamente incomodada em ser mulher, todo *O Segundo Sexo* está repleto disto. Este sentimento de autodesgosto tem-se transformado, muitas vezes, em parte do feminismo. É uma pena. E eu nunca me desgostei por ser mulher.

Mulherio - Mesmo rejeitando qualquer conexão entre seus livros e os movimentos de emancipação feminina, a senhora acompanha a trajetória da mulher na sociedade contemporânea. Vê alguma mudança significativa na posição da mulher no mundo?

D. Lessing - Creio que para uma minoria as coisas têm mudado, mas não para a maioria das mulheres. No passado, as mulheres das classes menos favorecidas trabalhavam no campo. Agora, nas sociedades industrializadas, trabalham nas fábricas e coisas assim. Para elas, as coisas não mudaram. O que mudou é que uma minoria das mulheres da classe média têm conseguido empregos melhores, oportunidades melhores, posições melhores. Na Inglaterra, por exemplo, é um fato que elas nem mesmo ocupam todas as possibilidades que existem. Um dos gerentes do National Westminster Bank, um dos cinco maiores bancos

do país, diz que esse banco promove vários tipos de cursos e seminários profissionalizantes para as mulheres, mas elas freqüentemente não tiram proveito disso. Não há obstáculo algum que as impeça de tentar. É política oficial do banco treinar as mulheres para todos os tipos de trabalho que existem lá dentro. Mas não há muitas dispostas a tentar. E me pergunto: por que às mulheres falta ambição?

Mulherio - Quanto à sua obra, a senhora declara-se, numa entrevista recente, partidária do chamado romance de idéias e...

D. Lessing - Não.

Mulherio - Não? Está num dos nossos jornais.

D. Lessing - Provavelmente algum jornalista fabricou isso. Perdoe-me dizer, mas os jornalistas inventam um bocadinho. Um jornal de hoje afirma que eu declarei que não há futuro para a humanidade. É exatamente o oposto do que eu declarei.

Mulherio - *Shikasta* demonstra sua

confiança nisso. A senhora crê que a saída para a tremenda crise vivida pelo mundo inteiro hoje está no caminho espiritual e na busca de crescimento interior?

D. Lessing - A saída talvez esteja numa combinação de ambos. Ocorre a pouca gente que talvez a humanidade esteja em mutação para alguma coisa mais inteligente. Não estou brincando. Eu não rejeito essa idéia. E por que não? Tudo está em mutação o tempo todo.

Mulherio - Ligado a isso, pode-se entender que o ponto principal por trás de *Shikasta* é que o homem deve buscar o que se chama nos meios esotéricos de consciência?

D. Lessing - Não. O que há em comum entre *Shikasta* e livros sagrados como a *Bíblia* e o *Alcorão*, é a idéia de que um grande número de pessoas não está interessado em Deus e conti-

nuará a não estar interessado em Deus. Não estou dizendo que todos deveriam fazer algo e que cada um tem que fazer alguma coisa. Nisto, creio que não se pode usar a expressão "tem de" ou a palavra "deveriam". As pessoas que naturalmente estão atraídas por isso, a buscarão.

Mulherio - Um de seus livros mais recentes, na Inglaterra, fala do Afeganistão sob domínio soviético.

D. Lessing - Sim, estive no Paquistão, na fronteira nordeste com o Afeganistão. Passei lá umas duas ou três semanas, em setembro último, junto com jornalistas e fotógrafos. Entrevistei-me com refugiados e com guerrilheiros. O resultado da viagem é um pequeno livrinho, que já teve quatro edições na Grã-Bretanha, mas não sei se será editado aqui. Chama-se *The Wind Blows Away Our Words* (O Vento Varre Nossas Palavras), nascido de uma frase que um guerrilheiro me disse: "Gritamos ao mundo por socorro, mas o vento varre nossas palavras". Achei que dava um título maravilhoso.

Mulherio - Apesar do pouco tempo, a senhora, enquanto escritora sensível, já deve ter reunido impressões do Brasil. Quais são?

D. Lessing - Cheguei e fiquei seduzida pelo Brasil. É um país muito bonito. Claro, eu vim como visitante convidada, fui recebida em circunstâncias bastante confortáveis. Quando digo aos meus amigos brasileiros que estou me apaixonando pelo Brasil, eles dizem: "Ah! Mas você não conhece nossos problemas!" Talvez eu nunca descubra quais são os problemas de vocês, porque não estarei aqui o tempo suficiente para isso.

* Edvaldo Pereira Lima é jornalista, mestre em Comunicações e professor da ECA-USP

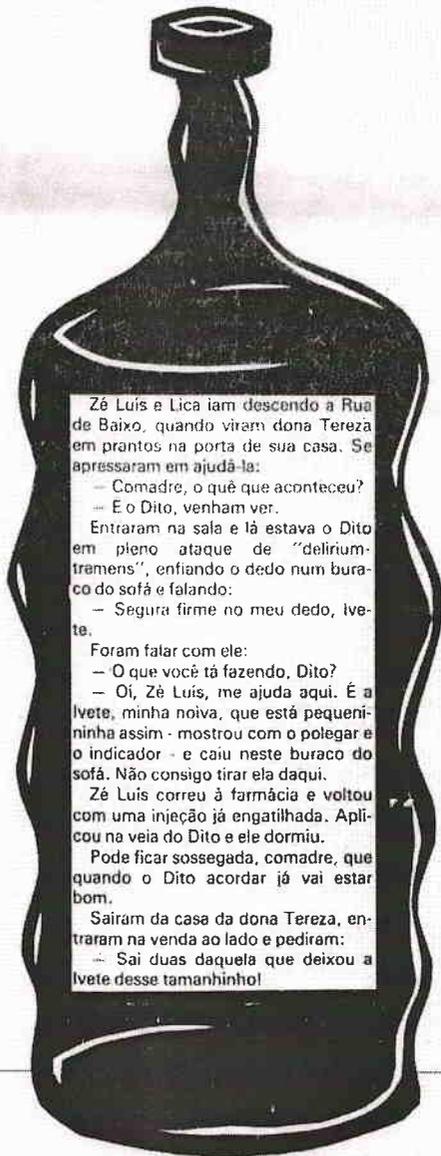
"Doris Lessing: "Por que às mulheres falta ambição?"



A Loucura por Tema

MOUSAR BENEDITO

CACHAÇA
BRABA



Zê Luís e Lica iam descendo a Rua de Baixo, quando viram dona Tereza em prantos na porta de sua casa. Se apressaram em ajudá-la:

— Comadre, o quê que aconteceu?
— E o Dito, venham ver.

Entraram na sala e lá estava o Dito em pleno ataque de "delirium-tremens", enfiando o dedo num buraco do sofá e falando:

— Segura firme no meu dedo, ivete.

Foram falar com ele:

— O que você tá fazendo, Dito?

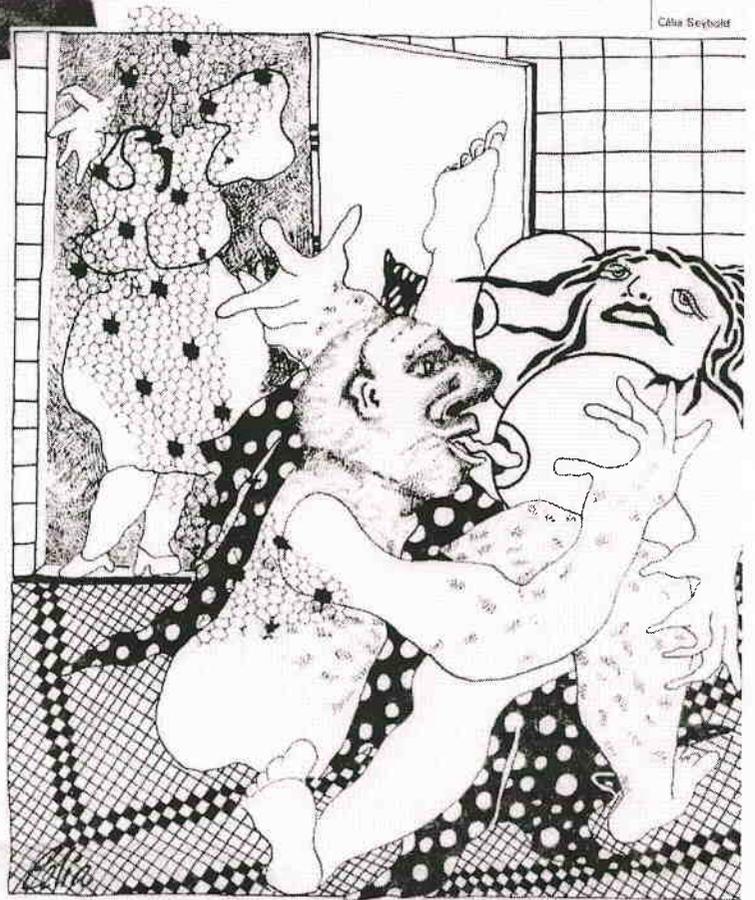
— Oi, Zê Luís, me ajuda aqui. É a Ivete, minha noiva, que está pequeninha assim - mostrou com o polegar e o indicador - e caiu neste buraco do sofá. Não consigo tirar ela daqui.

Zê Luís correu à farmácia e voltou com uma injeção já engatilhada. Aplicou na veia do Dito e ele dormiu.

Pode ficar sossegada, comadre, que quando o Dito acordar já vai estar bom.

Sairam da casa da dona Tereza, entraram na venda ao lado e pediram:

— Sai duas daquela que deixou a Ivete desse tamanhinho!



MARGARIDA

Orozimbo Pereira sempre foi muito fiel à esposa. Não porque queria, mas porque não conseguia praticar uma infidelidadezinha conjugal. É claro que poderia ir ao riscá-faca, a zona, lá o sexo é profissionalizado e é só pagar que se trepa com qualquer uma daquelas mulheres.

Mas, pegaria mal um homem de bem frequentar um lugar desses. Continuava, então, no feijão com arroz, que era o sexo praticado com a patroa, dona Rosa. Nem por isso deixava de apetecer as mulheres que passavam pela porta do seu escritório, vindo em todas elas uma cara de safada, uma cabeça cheia de sonhos eróticos em que ele, Orozimbo Pereira, era o varão insaciável, o homem pretendido. Se alguma suspirava perto dele, isso era interpretado como um suspiro de desejo sexual dirigido a ele. Mas nunca deu certo...

Para passar uns dias com a irmã, chegou à sua casa no Domingo de Ramos, a cunhada Margarida, que era ainda uma menina quando ele se casou. Agora estava moça, bonita (bem mais que Rosa), sensual, provocadora e mal falada pelas mocas da cidade vizinha, onde morava e tinha fama de manter casos amorosos com homens casados.

Orozimbo Pereira, vendo a cunhada toda vaporosa, maliciosa, com um permanente ar de safadeza estampado no rosto, realimentou sua decisão de praticar a tão sonhada infidelidade conjugal. Sempre que ficava sozinho com Margarida, fingindo descuido, encostava na cunhada, batia-lhe a mão nas nádegas, esbarrava em seus seios... e ela ria!

Estava sozinho em seu escritório, na terça-feira, quando ela entrou com a desculpa de ver o seu trabalho.

— Oh, que letra bonita... que livro grosso... - e ia se encostando.

Não foi preciso muita conversa. Em minutos estavam os dois no banheiro, peladinhos da silva.

Só que o afoito Orozimbo Pereira e a despreocupada Margarida nem se lembraram de trancar a porta, que se abriu de repente e por ela entrou dona Rosa, furiosa, distribuindo porradas e palavrões.

Orozimbo Pereira, sem saída, fingiu que tinha ficado louco, por isso fazia aquilo com a cunhada. Esta, foi só alegar que não queria, que foi atacada e pronto.

Ela voltou para sua casa e ele foi para Barbacena, onde passou um mês e dez dias internado num sanatório.